

EXPECT MORE

Demanding Better Libraries for Today's Complex World



R . D a v i d L a n k e s

Vamos pensar juntos uma nova Biblioteconomia?

Vamos pensar juntos uma nova Biblioteconomia? Você está convidado a refletir conosco, trazer suas opiniões e exemplos de como podemos acreditar mais em nossos bibliotecários e bibliotecas. O Professor David Lankes, da Universidade de Syracuse nos Estados Unidos, escreveu em 2012 o livro “Expect More: Demanding Better Libraries for Today’s Complex World”, uma legítima conversa, escrita de maneira bastante convidativa e amigável, sobre como podemos e devemos acreditar no potencial das bibliotecas.

Em setembro de 2014 o livro começou a ser traduzido por Jorge do Prado, que ao final seria distribuído livremente da mesma forma como vem sendo feito com a edição em Inglês. Entretanto, na 26ª edição do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizada em São Paulo, que teve como palestra de abertura a fala do Prof. Lankes, surgiu a ideia de lançar o livro por capítulos a cada 15 dias. Uma ideia que foi muito bem aceita tanto entre o público do evento, como pelo autor. Combinada no próprio palco do Congresso, por Adriana Ferrari (presidente da FEBAB), professora Elisa Correa (convidada para a mesa-redonda) e Jorge do Prado (relator da palestra). É neste site que você encontrará estes capítulos e será convidado a desde já conversar conosco. Os capítulos são curtos e muito rápidos de se ler, pois Lankes estabelece uma conversa com o leitor, sem o academicismo de tantas outras obras com as quais nos deparamos. Ao final de cada período, um resumo de nossas conversas será traduzido para o Inglês e enviado para o Professor, para que depois ele também possa transmitir a sua opinião.

Vamos lá? Você está convidado a acreditar mais, MUITO MAIS, em nossas bibliotecas. O primeiro capítulo será lançado em 1º de setembro e os próximos a cada dez dias. Boa leitura!

Assista à palestra de David Lankes que abriu o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação em São Paulo:

1. A Primavera Árabe: Espere o excepcional

Introdução

Acredito que uma Biblioteconomia exemplar, daquela que todos queremos, deva ultrapassar fronteiras. Esta Biblioteconomia é exemplar enquanto está na universidade, ou na esfera pública nas escolas. Por esta razão, este livro não é somente sobre o que acreditamos de bibliotecas públicas ou escolares, mas sim de todas as bibliotecas. As bibliotecas escolares têm muito a ensinar às outras sobre questões que abordam avaliação e aprendizagem. Bibliotecas públicas muito a compartilhar sobre como trabalhar com uma variada gama demográfica. Bibliotecas universitárias compreendem o poder da criação de conhecimento. Bibliotecas especializadas podem nos ensinar sobre medição de impacto.

Ao longo deste livro, usarei muito a palavra “comunidade” no seu sentido mais amplo. Enquanto Capítulo 6 não chega, onde falarei mais a respeito disso, resta saber que comunidade é um grupo de pessoas que se reúnem em torno de algo que tem em comum. Uma universidade é uma comunidade, bem como um escritório de advocacia ou um hospital.

Meu objetivo neste livro é mostrar o potencial das bibliotecas. Este potencial jamais será alcançado se as bibliotecas ou suas comunidades construírem fronteiras rígidas. Você pode usar o que funciona em pequenas bibliotecas para informar as grandes. Ideias que nascem em bibliotecas públicas podem ser facilmente utilizadas em uma universidade ou empresa.

Onde eu puder, tentarei trazer diferentes exemplos de bibliotecas. Falar mais sobre a construção de pontes do que de paredes. Você espera que sua biblioteca e a sua comunidade olhem além das categorias em que estão. A inovação vem de todos os lugares e cabe a cada um de nós trazê-la para seu contexto.

Nota Especial aos bibliotecários

Este livro é para você utilizar quando estiver trabalhando com sua comunidade. As principais ideias são exploradas com uma profundidade maior nas técnicas do bibliotecário em meu outro livro, *The Atlas of New Librarianship*^[1]. Se você gostaria de promover ou estudar melhor os conceitos aqui apresentados, recomendo que você leia o *Atlas*.

2. O argumento para melhores bibliotecas: aumentar o impacto

A Cushing Academy é uma escola preparatória particular a 70 milhas a oeste de Boston. Em seu exuberante campus arborizado, 445 estudantes de 28 estados e 28 países trabalham durante o ensino médio.

Em 2009, a Cushing investiu centenas de milhares de dólares para reformar suas bibliotecas. A maior parte deste investimento foi para a compra de recursos digitais e leitores de livros digitais em troca dos livros físicos. Ao menos foi isso que o Boston Globe noticiou. Só que a verdade é mais complexa. A Cushing, de fato, se desfez de grande parte de seus livros físicos, a maioria livros científicos desatualizados, para expandir os recursos digitais para seus alunos. Aumentou também a equipe de funcionários da biblioteca, permitindo que os estudantes tivessem acesso aos recursos da biblioteca 24 horas por dia em todos os dias da semana.

A parte interessante desta história não é que a escola eliminou a sua coleção impressa (isso não foi feito), ou mesmo na transformação da biblioteca tradicional para uma digital. Não, o interessante mesmo foi a reação da imprensa diante deste fato. As manchetes diziam: “Biblioteca escolar digital deixa pilhas de livros para trás”, e “Bem-vindo à biblioteca. Diga adeus aos livros”, os repórteres pareciam jogar fora o passado da escola e até vislumbravam o fim das bibliotecas.

O argumento central deste livro é de que precisamos de melhores bibliotecas. Isso pressupõe que, primeiro, nós precisamos de bibliotecas. Muitas pessoas questionam a necessidade de se ter uma. Antes de sabermos o que você deve idealizar de uma biblioteca, vamos ver alguns argumentos para a sua existência.

A História nos apresenta as principais razões em se criar uma biblioteca e que aqui represento com algumas palavras-chave:

- Poder de compra coletiva;
- Estímulo econômico;
- Centro de ensino;
- Rede de segurança;
- Patrimônio cultural;
- Berço da democracia;

Há algumas fronteiras difusas nestas razões, mas vale a pena analisá-las melhor e pensar a respeito de um novo potencial para a biblioteca. Vejamos cada uma por vez.

Poder de compra coletiva

Stewart Brand tem uma fala bastante famosa: “a informação quer ser livre”. Ao menos, é o que o mundo diz a respeito. A frase completa é:

“Por um lado a informação quer ser cara, porque é valiosa. A informação certa no lugar certo pode mudar sua vida. Por outro lado, a informação também quer ser livre, porque o seu custo está ficando cada vez menor. Então você tem estes dois embates, um contra o outro.”

Os resultados destes embates estão em todo lugar. Os custos de produção de livros e de música diminuíram por causa das redes digitais. Os pesquisadores estão cada vez mais publicando seus trabalhos na Internet e sites como o YouTube mostram que há uma comunidade disposta a compartilhar informação de todos os tipos de forma gratuita. Entretanto, se você observar mais atentamente, verá que o “livre” não é tão barato assim. Os vídeos do YouTube podem ser assistidos gratuitamente – desde que você assista a algumas propagandas primeiro. Os modelos de negócio estão mudando, mas a qualidade da informação ou a informação personalizada ainda custam muito dinheiro.

As bibliotecas sempre encontram uma forma de tornar os escassos recursos públicos em grandes investimentos. Nas universidades, estes investimentos, por exemplo, vão para assinaturas de periódicos científicos. Nas bibliotecas públicas, reunir recursos significa compartilhar o hábito de leitura. Em escritórios de advocacia, inclui o LexisNexis e bases de dados como Westlaw. O ponto que precisa ser discutido é, que se um recurso é muito caro para uma pessoa somente, mas que poderá servir a toda uma comunidade, então algumas cobranças (impostos, taxas de matrícula e orçamentos departamentais) fazem sentido. Quando uma biblioteca se depara com a necessidade de comprar algo que seja muito caro, é necessário que se trabalhe em consórcio.

Para você ter uma pequena noção de quanto dinheiro estamos falando, deixe-me apresentar dois rápidos exemplos. O primeiro é a tabela abaixo mostrando o quanto a Universidade de Iowa investe em periódicos científicos eletrônicos para a sua comunidade acadêmica:

Editora	Investimento	Número de títulos
Elsevier	\$ 1,641,530	2095
Wiley/Blackwell	\$ 868,031	1304

Sage	\$ 243,647	608
JSTOR	\$ 97,602	2319
Cambridge UP	\$ 43,940	145
Project Muse	\$ 33,210	500
Oxford UP	\$ 21,313	250

É isso mesmo que você leu! São gastos mais de 3,5 milhões de dólares por ano em 7621 periódicos. Por ano! E a biblioteca não é detentora dos artigos. Voltaremos a falar sobre isso no Capítulo 5.

Claro, você pode considerar também que seja barato em comparação ao seguinte serviço do Texas. O estado mantém um serviço chamado TexShare através de sua Biblioteca Estadual e a Comissão de Arquivo. O TexShare fornece grandes bases de dados de informações científicas para seus cidadãos por meio de bibliotecas conveniadas.

Aqui está o quanto Texas investe: teria custado às 677 bibliotecas que participam do programa TexShare o valor de 97.044.031 dólares para disponibilizar as bases com os artigos, mas que com o convênio saiu por 7.042.558 dólares.

Noventa milhões foram poupados – este é o poder da compra coletiva!

Há dois fatores que muitas vezes são esquecidos quando se fala de bibliotecas comprando coletivamente: que decidir o que comprar necessita organização e que os recursos devem vir de um bem comum, coletivo.

Para o aniversário de 5 anos do meu filho, minha esposa e eu compramos 10 quilos de Lego no eBay. Quando as crianças crescem e saem de casa, elas deixam gavetas e mais gavetas cheias de peças de Lego e alguns pais encaixotam, pesam todas e as vendem. O Lego é ótimo para o desenvolvimento da imaginação de crianças até os seus 5 anos. Lego é para a imaginação, mas também sobre como trabalhar com instruções e juntar peças sobre determinado tema (espaço, Star Wars, etc.). Comprar quilos de Lego não serve para este propósito, pois são peças diferentes. E a situação é a mesma para os livros ou bases de dados de uma biblioteca. Você precisa investir de modo que as pessoas possam trabalhar com estes itens (falaremos mais a respeito disso no Capítulo 7, sobre os bibliotecários).

O segundo conceito que se perde quando se discute bibliotecas como parceiras no investimento

investe o seu dinheiro em compras de materiais, estes precisam beneficiar esta comunidade com um todo. Pode parecer um pouco óbvio, mas bibliotecas e comunidades não podem perder este ponto de vista. Deixe-me apresentá-lo a um serviço relativamente novo chamado Freegal.

As bibliotecas assinam o Freegal para permitir que seus interagentes possam baixar músicas do acervo da Sony em arquivos MP3. As bibliotecas compram pacotes de downloads (por exemplo 500 downloads para a sua comunidade). Pode parecer um ótimo serviço, entretanto a biblioteca (que na verdade é a comunidade, lembre-se sempre disso!) está pagando para que seus interagentes baixem músicas e façam uso disso particularmente. Se outra pessoa quiser a mesma música, terá de solicitar outro download. A biblioteca paga por um serviço que depois não pode catalogar para ser buscado, emprestado e arquivado.

Imagine você caminhando por uma biblioteca, chegando a um bibliotecário e solicitando um livro ele vai até a livraria mais próxima e o compra para você. A comunidade como um todo será beneficiada deste recurso? Agora, imagine se os impostos fossem usados para construir uma rua particular, onde somente um cidadão poderá circular. Não será um recurso comum, não será econômico e o uso de investimento de toda uma comunidade beneficiará somente um indivíduo.

Freegal é um dos piores exemplos de distribuição de dinheiro. A missão das bibliotecas não é sobre a distribuição de riqueza. Você deve esperar construir algo para o bem comum, que toda a comunidade possa usar.

Estímulo econômico

Relacionado com a compra coletiva, a ideia é que as bibliotecas consigam impulsionar a economia de suas comunidades.

Pesquisadores de Indiana descobriram que:

“Bibliotecas tem um valor enorme. Os benefícios econômicos diretos que as comunidades recebem das bibliotecas são significativamente maiores que os custos para mantê-las funcionando[1].”

Detalhando:

- Comunidades de Indiana recebem 2,38 dólares de benefícios econômicos diretos para cada dólar de custo com a biblioteca.
- Os salários em bibliotecas públicas e despesas em geral trazem um adicional de 216 milhões de dólares na atividade econômica de Indiana.
- Os salários em bibliotecas universitárias e despesas geram um adicional de 112 milhões na

Em Wisconsin, eles aparentemente são ainda melhores no sentido de conseguir este retorno por cada dólar investido, pressupondo que:

“A contribuição econômica total das bibliotecas públicas de Wisconsin para a economia de Wisconsin é de 753.699.545 dólares. O retorno sobre o investimento nos serviços das bibliotecas é de 4.06 dólares para cada dólar de imposto do contribuinte.[2]”

Para você não desconfiar que eu tenho escolhido a dedo somente bons estados, dá uma olhada nestes outros exemplos[3]:

Estado	Retorno para cada 1 dólar investido	Ano do estudo
Colorado	\$5	2009
Florida	\$6.54	2004
Wisconsin	\$4.06	2008
Indiana	\$2.38	2007
Pennsylvania	\$5.50	2007
South Carolina	\$4.48	2005
Vermont	\$5.36	2006–200
Região	Retorno para cada 1 dólar investido	Ano de estudo
Charlotte, NC	\$3.15–\$4.57	2008–2009
Saint Louis, MO	\$4	1999
Southwestern Ohio	\$3.81	2006
Suffolk County NY	\$3.93	2005
Pittsburgh, PA	\$3.05	2006

das bibliotecas que foi discutido anteriormente. Se você não precisa comprar um livro ou alugar filme porque utiliza dos recursos da biblioteca, isso já é um impulso. Em outra parte, isso vem do fato que bibliotecas são empregadores com trabalhadores que pagam impostos (e contribuem para a economia local). Mas isso vai além de poupar dinheiro. Na educação superior, “bibliotecas são um fator bastante considerado quando estudantes estão selecionando a universidade onde quer estudar, o que mostra que as bibliotecas acadêmicas podem também impulsionar o número de matrículas”.

O impacto econômico das bibliotecas também vem de bens intangíveis como a criação de um espaço cívico que atraia negócios e desenvolva atividades socioeconômicas. Recentemente, durante a crise econômica dos últimos anos, as bibliotecas assumiram um papel importante ao ajudar candidatos a empregos. Em algumas delas, elas simplesmente oferecem a desempregados um espaço com acesso a computadores e oficinas de como montar um currículo.

Vamos agora analisar outra iniciativa interessante: o Transform U. Este é um projeto de várias bibliotecas públicas de Illinois. Os bibliotecários descobriram que quando as pessoas estão procurando um emprego, elas querem também algo a mais, querem uma grande mudança em suas vidas. Talvez fosse melhor então se voltassem à escola. Talvez eles precisem do auxílio dos serviços sociais para ajudar a alimentar suas famílias. Eles definitivamente precisam alimentar um senso de respeito e autoestima. Para satisfazer estas necessidades, os bibliotecários criaram parcerias com escolas locais, agências de serviços sociais e agências de desenvolvimento econômico. Agora, os desempregados que vão às bibliotecas públicas locais, tem uma rede de apoio completa que os ajuda a interpretar longos contratos e a navegar por confusos sites governamentais. Eles agora entendem melhor como utilizar as ferramentas da web para encontrar um emprego ou mesmo para montar o seu próprio negócio. Estes bibliotecários foram além do que costumam trabalhar para chegar direto às necessidades de sua comunidade.

Uma pequena biblioteca em Eureka, Illinois, mostra outra maneira em que bibliotecas podem contribuir para o desenvolvimento econômico: empreendedorismo. Quando uma senhora foi até Biblioteca Pública de Eureka procurando informações sobre como abrir um novo negócio, algo maravilhoso aconteceu. Ela percebeu que havia a necessidade de mais locais abertos para almorçar na cidade. Ela já era capacitada como chef e quando teve a ideia de abrir o novo restaurante, precisava saber como proceder. Ao invés de somente indicar alguns recursos e procedimentos para se abrir um novo negócio, a biblioteca ofereceu à mulher um espaço dentro da própria biblioteca para, uma vez por semana, ela projetar o seu negócio. Com o passar do tempo, o local tornou-se regular. “Chef Katie” conseguiu criar um restaurante de sucesso e ainda atendeu as necessidades de Eureka.

próprios negócios. A Biblioteca Pública de Dallas fez uma mudança significativa em seu quinto andar, trocando estantes por mesas e quadros brancos. Convidaram empreendedores locais para que trabalhassem na biblioteca, sem cobrança de aluguel. Agora, ao invés de ter suas ideias sozinhos em suas casas, eles se reúnem e utilizam a sala até para uma conferência.

Este espírito de startup não se limita às bibliotecas públicas. A Escola de Estudos da Informação da Universidade de Syracuse tem uma forte ênfase nas startups, muitas vezes reunindo graduandos de todo o campus para um grupo de negócios. Os bibliotecários sentam com esses grupos para fazer análise competitiva de mercado e pesquisar a inovação das novas ideias. Nas empresas de todo o país, os bibliotecários estão criando patentes, avaliando a competitividade de mercado e fornecendo capacitação contínua para advogados, médicos e até para fabricantes de computadores para alavancar os seus negócios.

Como sabemos, as bibliotecas já fornecem benefícios econômicos para suas comunidades. Entretanto, à medida que avançamos, podemos esperar mais delas. Devemos acreditar que qualquer tipo de biblioteca possa garantir a economia de sua comunidade e ajudar a criar novas indústrias.

Centro de Aprendizagem

Para as bibliotecas, este argumento se baseia na famosa crença de que o melhor aprendizado acontece em ambientes ricos de informação. Em instituições acadêmicas, isso pode ser interpretado dentro das bibliotecas que de forma abrangente buscam formar um acervo de qualidade com trabalhos acadêmicos e periódicos científicos. Em bibliotecas públicas, isso se amplia para uma diversidade muito maior de assuntos, não apenas a ficção de *best sellers*. Um centro de aprendizagem é a legítima razão da biblioteca escolar existir.

Alfabetização, aprendizado e estudo sempre estiveram associados com bibliotecas. De fato, a maioria dos diretores de bibliotecas da Idade Média eram estudiosos e também responsáveis por manter o acervo. Esta tendência ainda continua em alguns casos: a Biblioteca do Congresso, por exemplo, é chefiada por um historiador.

Na década de 1990, este argumento de que as bibliotecas são espaços de aprendizado direcionava as bibliotecas públicas a serem apelidadas de “universidade do povo”. Melvil Dewey, criador do Sistema de Classificação Decimal, acreditava que as bibliotecas públicas e escolas públicas eram instituições iguais. Na verdade, as bibliotecas públicas não montavam seus acervos com ficção ou materiais populares porque as pessoas daquela época não ligavam a alfabetização ou “o amor pela leitura”, como falamos hoje, com o aprendizado.

Atualmente, as bibliotecas ainda mantêm o conceito de aprendizado presente em suas missões

Americana de Bibliotecas foram pôsteres de “Leia” e traziam celebridades que apoiavam a leitura. Programas de leitura de verão encorajam o hábito pela leitura, uma habilidade necessária para a aprendizagem ao longo da vida. Bibliotecas escolares são muito envolvidas com o processo de alfabetização, começando com habilidades básicas de leitura e pesquisa, aos exercícios de pensamento crítico. Até mesmo as bibliotecas universitárias e empresariais podem se envolver com a competência em informação, por exemplo, no ambiente das mídias sociais (decifrar o que é uma tendência ou saber como interpretar dados de visualização).

No entanto, enquanto fico dissertando sobre a importância deste argumento, a justificativa ainda vaga. Por exemplo, é suficiente criar um ambiente rico de recursos que facilitam a aprendizagem? Se eu deixasse uma criança de dois anos sozinha neste ambiente e voltasse em dois dias, ela já saberia ler? Claro que não.

Parte do que podemos esperar de nossas bibliotecas e bibliotecários é desapegar do bom senso do passado e dos argumentos focados em atividades mensuráveis. Por exemplo, sua biblioteca pública trabalha diretamente com os distritos escolares K-12[4]? Como fazer com que o acervo de uma biblioteca universitária realmente atenda a todos os cursos da universidade? Quais cursos e serviços podem ser oferecidos, para quem, por quem e com quais expectativas? Estocar recursos definitivamente não melhora a educação.

Voltaremos a alguns destes temas no decorrer do livro, uma vez que agora trabalharemos as bibliotecas e as redes de segurança social.

Rede de segurança

Quando você pensa em rede de segurança social, você provavelmente pensa em pobreza. Só para lembrar, as bibliotecas devem oferecer um mundo de recursos e serviços àqueles que tem menos condições de pagar. Entretanto, a rede de segurança que deve compreender a biblioteca deve ir além de uma questão socioeconômica. Pouquíssimas pessoas podem pagar o quanto as bibliotecas pagam pelas suas bases de dados, mas o argumento da rede de segurança ainda vai além do que simplesmente pagar por todos estes recursos.

As bibliotecas públicas têm trazido informação para aqueles que de alguma forma são incapazes de adquiri-la. Em parte, isso ainda tem relação com o que abordei há pouco, mas a rede de segurança hoje também inclui como prover acesso à internet nas áreas rurais. Atualmente, algumas bibliotecas já estão fornecendo acesso à internet dentro de pequenas bibliotecas rurais. Um estudo de 2008 mostrou que $\frac{3}{4}$ das bibliotecas públicas são a única forma de acesso à internet nestas comunidades. Em Vermont, o governo do estado está construindo uma rede de fibra ótica para conectar bibliotecas rurais em todo o estado, fazendo com que cada biblioteca seja um ponto de

Em tempos de redes digitais, bibliotecas de todos os tipos estenderam a rede para além do acesso, para ser uma nova alavanca para o desenvolvimento digital do conhecimento. Ainda é um desafio conectar pessoas à internet e cada vez mais as ferramentas digitais são necessárias para o trabalho e a vida delas, portanto, o maior desafio ainda é ajudar essas pessoas a tirar proveito dessas ferramentas. Por exemplo, depois do Natal de 2011 as bibliotecas públicas receberam inúmeras pessoas com seus iPads e Kindle Fires. Muitos tinham comprado ou ganhado de presente, mas sem saber que precisavam de uma conexão wi-fi para funcionarem. Foi então que bibliotecários ajudaram baixando aplicativos que possibilitassem a aquisição de livros, vídeos e músicas para estes aparelhos.

Se você expandir esta ideia de preencher as lacunas de conhecimento, poderá perceber que não somente um papel das bibliotecas públicas. As bibliotecas escolares, por exemplo, não estão emprestando seus livros somente para os alunos, mas também para os pais deles. Em cada biblioteca universitária, bibliotecários estão providenciando aos acadêmicos ferramentas básicas de pesquisa que eles não têm acesso em sala de aula. Já os bibliotecários da área do Direito compõem vital competência informacional para advogados e juizes. No Departamento de Justiça dos Estados Unidos, alguns bibliotecários fazem parte de equipes dentro do Ministério Público, onde o trabalho principal é identificar peritos que desmascarem falso testemunho no tribunal.

Aqui novamente chegamos a um ponto em que, na medida que avançamos, podemos esperar mais das bibliotecas. Quando há alguma crise econômica, muitas vezes os governos costumam não dar tanto apoio direto ao público. Serviços fiscais, de emprego e outros de cunho social não são mais tão evidentes e facilmente encontrados; nisso, a biblioteca deveria encarar como uma oportunidade também para atuar. Como enviar um currículo online, como realizar um serviço num site governamental, ter acesso à música e literatura online. Precisamos de bibliotecários que ensinem, resolvam problemas e advoguem por sua comunidade.

Mordomo do patrimônio cultural

No terceiro andar da Biblioteca Central da Biblioteca Livre da Filadélfia, você irá encontrar uma biblioteca – sim, uma biblioteca normal como qualquer outra. Esta é a biblioteca de William McClure Elkins, um rico investidor bancário da Filadélfia e notável colecionador de livros do século XX. O objetivo não foi fazer uma cópia da biblioteca de Elkins, mas simplesmente levá-la por completo para a Biblioteca Livre. Não somente os livros, mas as mesas, o globo, os painéis de madeira da parede, os tapetes – a biblioteca inteira. Não é nada incomum para grandes bibliotecas possuírem esses acervos especiais.

A importância das bibliotecas para a preservação de nosso patrimônio cultural não é um argumento que você ouvirá tão frequentemente em nossos dias atuais. A ênfase dos últimos 30 anos tem se

recreação. Entretanto, ao passar dos séculos e em muitos países, a preservação da produção cultural (trabalhos artísticos, manuscritos e outros) era a razão principal por trás das bibliotecas. Por isso que você ainda encontra um folio original dos textos de Shakespeare na Biblioteca Pública de Dallas e uma Bíblia de Gutenberg no Ransom Center da Universidade do Texas.

Nos países nórdicos, as bibliotecas são frequentemente construídas com museus e teatros. E, hoje, se você for à Itália terá dificuldade em encontrar uma biblioteca pública. Isso porque elas não estão lá para o público usual, mas para estudiosos e estudantes. Como um bibliotecário italiano uma vez me falou: “Na Itália nós não vamos à biblioteca procurar a receita de um bolo, isso nós perguntamos às nossas mães”. Em outras palavras, a biblioteca não serve para tarefas cotidianas.

Muitas bibliotecas norte-americanas, principalmente as universitárias, ainda constroem fantásticas coleções de arte e tesouros históricos. Mas a forma de tratar o patrimônio cultural nas bibliotecas também está mudando. Atualmente, para preservar artefatos culturais, os bibliotecários estão trabalhando com a comunidade para resgatar a cultura de hoje. Ken Lavander, professor na Universidade de Syracuse, trabalha com voluntários e estudantes na própria comunidade, capturando histórias, digitalizando caixas de sapato cheias de fotos, como uma forma de ajudar a passar esta herança para as futuras gerações.

Saber da nossa história, como nós éramos no passado, é peça fundamental para avançarmos. Portanto, devemos agora esperar muito mais das bibliotecas, não somente como um depósito de trabalhos de grandes homens do passado, mas também preservar o que acontece hoje.

Berço da democracia

Podemos ter bibliotecas sem democracia e democracia sem bibliotecas – basta olhar através do percurso da História. Entretanto, eu diria que se quisermos viver numa democracia liberal, as bibliotecas são necessárias.

Os Estados Unidos são uma democracia liberal. Canadá é uma democracia liberal. França, Alemanha, Índia e Israel são também democracias liberais. A palavra “liberal” neste caso não tem nada a ver com partido político ou mesmo com um país socialmente progressista; o “liberal” refere-se à crença de que a democracia é muito mais que o voto. Uma democracia liberal significa proteger a liberdade civil, bem como uma proteção constitucional contra um governo intrusivo. É um importante modulador. Iraque, sob o poder de Saddam Hussein, teoricamente era uma democracia. Hussein foi eleito com 99% dos votos, mas são poucos que consideram o país verdadeiramente como uma democracia liberal.

Por que as bibliotecas são tão importantes para isso? Uma resposta curta é que uma verdadeira democracia requer a participação de uma sociedade bem informada. A principal missão das

informados.

Quando um defensor de uma biblioteca defende esta missão, é bem provável que ele conheça alguma dessas três famosas frases:

“As pessoas são os únicos censores de seus governantes e até mesmo seus erros tenderão a manter os verdadeiros princípios de suas instituições... O modo de prevenir estes erros é instruir com informação de qualidade através de seus canais de documentos públicos e fazer com que toda a população tenha acesso; se fosse a mim dada a decisão de ter um governo sem jornais ou jornais sem um governo, eu não hesitaria em nenhum momento em escolher o último. Seria a necessidade do povo a base de nosso governo, o primeiro direito a ser mantido é este acesso” – Thomas Jefferson

“Não há um berço da democracia tal qual a Biblioteca Pública Livre, esta república das letras, onde não há classificação, governo ou riqueza com a mesma consideração”. – Andrew Carnegie

“Um governo popular sem informação popular, ou sem os meios de acessá-la, é o prólogo para uma farsa ou tragédia, quem sabe a ambos. O conhecimento sempre governará a ignorância e um povo que pretenda ser seu próprio governante deve utilizar o conhecimento como uma munição”. – James Madison

Estas três frases transmitem uma mensagem em comum: um cidadão informado é necessário para constituir uma democracia. Entretanto, cada uma destas frases enfatiza um aspecto diferente: Jefferson fala sobre transparência, Carnegie sobre acesso e Madison sobre educação. Boas bibliotecas possuem os três aspectos. Vamos analisar cada um deles, começando pela transparência.

Democracia e transparência

Em sua frase, Jefferson claramente está falando sobre os jornais e a imprensa, não bibliotecas. Entretanto ele ainda enfatiza a necessidade da transparência, que é um objetivo comum entre bibliotecários e jornalistas. Você não vota com a intenção de colocar políticos num escritório e aguardar a próxima eleição. Deve haver a supervisão das ações dos eleitos para evitar abusos e moldar um discurso cívico e político. Watergate não foi solucionada por uma eleição, mas através da aparição de documentos e provas de atos de corrupção por parte do governo eleito.

São inúmeras as maneiras de como as bibliotecas podem promover a transparência. Elas podem trabalhar dentro do governo com documentos, arquivos e disseminar o trabalho das agências. Por exemplo, se você quer saber como cada lei foi aprovada no Congresso dos EUA, basta acessar o site da Biblioteca do Congresso e procurar na base de dados THOMAS. Se você gostaria de

Nacional de Medicina e procure pela base de dados PubMed.

As bibliotecas podem promover transparência inclusive fora do governo federal. Aproximadamente 1250 bibliotecas públicas e acadêmicas de todo o país têm acesso a documentos por meio do Programa Federal do Repositório da Biblioteca. Se uma agência do governo publica um relatório, brochura, formulário ou regulamento, tudo é depositado neste repositório, o que favorece o acesso público a estes documentos.

Além do nível federal, cada estado tem uma biblioteca de acesso público com leis, regulamentos e decisões judiciais de cada jurisprudência. Muitas bibliotecas localmente também guardam trabalhos de câmaras municipais e outros conselhos. A ideia é que cada cidadão possa observar o trabalho dos governantes e participar na tomada de decisão.

Há enormes desafios que bibliotecas e cidadãos enfrentam em termos de transparência (como arquivamento de documentos em sites que estão sempre mudando, classificação dos documentos e outros), mas retornaremos a isso mais tarde.

Democracia e acesso

O que Carnegie fala em sua frase é sobre a igualdade de acesso ao trabalho do estado. Claro, ele fez mais que somente falar sobre isso; ele é considerado uma espécie de santo patrono das bibliotecas após ter construído mais de 2500 delas ao redor do mundo.

Na época de Carnegie, ter acesso a algo significava ter acesso a uma cópia impressa das coisas ou seja, ter acesso a livros. Hoje, qualquer tipo de biblioteca amplia a ideia de acesso a outros suportes. Isso pode ser observado facilmente com o advento da Internet e o acesso a computadores em bibliotecas públicas. Na política das bibliotecas que dão cartões de usuário gratuitamente isso também pode ser observado. Em muitos outros países você precisa pagar uma taxa para ganhar um cartão ou mesmo utilizar os computadores.

A importância do acesso também pode ser vista nas bibliotecas universitárias que permitem acesso público ao invés de restringir para o corpo docente. Esta possibilidade de acesso gira em torno dos milhões de dólares para as bibliotecas estaduais que gastam em licenças de uso de bases de dados, dando igualdade de acesso para a comunidade urbana, suburbana e rural.

Claro que todo o acesso do mundo não servirá para nada se ao menos você não souber o que fazer com a informação que está acessando. É agora que entra o ponto levantado por Madison.

Democracia e Educação

Madison disse: “Um povo que pretende ser seu próprio governante deve se armar com o poder e

à informação gerada pelo trabalho da democracia não é o suficiente. Acessar uma lei online e não poder ler não serve para nada. Ou mesmo que você saiba ler, é necessário saber o que você pode fazer com esta lei em mãos.

Para que uma democracia funcione ela deve desenvolver ativamente (ou nas palavras de Madison se “armar”) uma população. Este argumento é o centro da educação pública neste país. No entanto o setor da educação está lutando com um currículo complexo, mas com uma taxa de evasão no ensino médio de 8% (na comunidade latina, este índice sobe para 17,6%). A educação pública primária e secundária sequer chega perto dos 12% da comunidade adulta dos EUA que não tem educação básica.

Bibliotecas públicas, escolares e universitárias são todas para trabalhar a educação para uma democracia participativa. É uma expansão do argumento da rede de segurança, mas ao invés de segurança para a participação econômica e bem-estar, é uma rede de segurança para saber, compreender, para aprender.

Democracia e Grandes Expectativas

Democracia não é algo fácil, limpo ou organizado. Atualmente, em meio à correria do dia a dia, e-mails e lutas diárias, não conseguimos separar um tempo para nos encaixar no esquema democrático das coisas. Em sua biblioteca você encontra os livros e computadores, mas e itens (produtos ou serviços) que promovam a democracia? Você sabe se a sua biblioteca tem um trabalho ativo para promover a democracia?

Deixe-me explicar melhor: não é somente uma questão política ou ideológica. Não é saber se a biblioteca está aliada com um partido ou candidato. Mais que isso, é saber a diferença que a biblioteca pode trazer para o governo (seja de uma cidade, universidade, escola ou empresa). Você sabia que metade do orçamento da Biblioteca do Congresso é dedicado para algo chamado Serviço de Pesquisa do Congresso? O Serviço:

... trabalha exclusivamente para o Congresso dos Estados Unidos, fornecendo análises políticas e legais para os comitês da Casa Branca e do Senado, independente da filiação partidária. Como uma agência do poder legislativo atuando dentro da Biblioteca do Congresso, o Serviço de Pesquisa do Congresso tem sido um recurso valioso e respeitado no Capitol Hill por aproximadamente um século.

Sua biblioteca tem um serviço similar voltado aos políticos locais, presidência, CEOs e outras grandes chefias? Não deveria uma boa biblioteca escolar manter o seu diretor bem informado?

Símbolo das aspirações da comunidade

podem lhe contar histórias incríveis sobre as pessoas que ajudam. De salvar uma mulher de um relacionamento abusivo a salvar um paciente do câncer, as bibliotecas têm tido um impacto na vida das pessoas.

Francamente, o que eu desejo que os bibliotecários possam um dia contar é sobre as esperanças e desejos de suas comunidades, pois elas têm vários deles. Sonham uma vida confortável ou em posições de líderes em um setor de produção. Obviamente estes sonhos não são tão declarados quanto os sonhos individuais, mas eles representam uma espécie de desejo holístico sobre a política, recursos financeiros e a visão que o resto do mundo tem sobre a comunidade.

Bibliotecas tem se tornado locais que inspiram. A começar pelos seus prédios, que costumam representar às suas comunidades um símbolo de conhecimento. San Francisco, Seattle, Salt Lake City e Vancouver estão todas usando os prédios das bibliotecas para revitalizar o centro da cidade. A bela arquitetura das bibliotecas tem se tornado as novas catedrais – um modo concreto para a comunidade sobre a sua importância.

O poder da arquitetura e as demonstrações que buscamos fazer com prédios de bibliotecas em particular, não podem ser negadas. Patrocinadores de universidades estão dando seus nomes às bibliotecas e os arquitetos muitas vezes vislumbram mais o prédio e esquecem da função da sua existência, de sua missão.

Quando se trata da biblioteca que queremos, entretanto, precisamos olhar para o poder de um prédio em comparação com o poder dos serviços que ali dentro são oferecidos. Barbara Quintana, colunista da *Information Today's* da revista *Searcher*, certa vez disse que uma biblioteca depois algumas horas é um recife de corais sem peixes – ela é linda e serena, mas precisa de vida.

Da mesma forma se você tirar os bibliotecários, funcionários, mas deixar os livros, computadores e a arquitetura, você terá somente uma biblioteca que irá parar no tempo. Mas, se você jogar fora os livros e os outros equipamentos e ficar com um grupo dedicado de profissionais, você será convidado a participar do futuro.

Mais do que nunca, o futuro de uma comunidade não está nas riquezas em terra, mas nas decisões e talentos dos cidadãos. Eles não são consumidores passivos de conteúdo da biblioteca, eles são a própria razão da biblioteca existir. Eles merecem uma nova Biblioteconomia, merecem novas bibliotecas que permitam mudanças radicais. Francamente, você irá ouvir estes argumentos de bibliotecas boas e ruins. A verdadeira questão é como tornar realidade estes desejos para que as bibliotecas continuem relevantes no futuro.

[1] O impacto econômico das bibliotecas no estado de Indiana:

http://www.ihrc.indiana.edu/studies/EconomicImpactoflibraries_2007.pdf

[2] A contribuição das bibliotecas públicas de Wisconsin para a
<http://dpi.wi.gov/pld/pdf/wilibraryimpact.pdf>

[3] O valor das bibliotecas universitárias:
http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/value/val_summary.pdf

[4] Nota do tradutor: as escolas K-12 integram o ensino básico primário com o secundário, existindo nos Estados Unidos, Canadá e Austrália.

1. A Primavera Árabe: Espere o excepcional

A Primavera Árabe chegou ao Egito. No início de 2011, após o sucesso de uma revolução na Tunísia, egípcios foram às ruas para reclamarem das mudanças feitas por um governo que estava no poder há quase 30 anos. Enquanto grande parte da mídia concentrava-se nos protestos que aconteciam na praça Tahrir, na cidade do Cairo, muitos outros começavam na cidade portuária de Alexandria. Em ambas, pessoas de diferentes gerações e classes socioeconômicas, clamavam por liberdade, justiça e igualdade social. Em uma tentativa de restaurar a Constituição, que foi vista no início como uma atitude pacífica, acabou por levar à morte de 846 pessoas e mais de 6 mil feridos em todo o Egito[2]. Às 18h de 28 de janeiro, após a abertura de prisões, liberando assassinos e estupradores às ruas, toda a segurança se esvaiu de Alexandria. Aproveitando o caos, gangues e saqueadores também tomaram os espaços públicos.

Na cidade portuária egípcia, a violência e os saques devastaram os prédios governamentais. Onde antes havia escritórios, agora apenas escombros de incêndios. Um por um, manifestantes foram abatendo os prédios do poder corrupto. Alguns saqueadores e protestantes começaram a cogitar um ataque à Biblioteca de Alexandria.

O Presidente Mubarak, estopim da revolta, tinha aberto a biblioteca em 2002 ao custo de \$220 milhões. Conforme o site da instituição, Mubarak a construiu para “trazer de volta o espírito de liberdade e ensino da original”[3], a famosa Biblioteca de Alexandria – uma das maravilhas do mundo antigo.

Quando se tornou evidente que a biblioteca poderia estar em perigo, manifestantes deram-se as mãos e a abraçaram. O objetivo não foi o de atacá-la, mas protegê-la. Durante os protestos e saques, os manifestantes – mulheres, homens e crianças – mantiveram-se firmes e a protegeram. Em essência, eles estavam resgatando a biblioteca para o povo. Depois que os protestos diminuíram, quando o Presidente Mubarak havia renunciado e as pessoas celebravam em todo o Egito, pode-se observar que nenhuma das janelas da biblioteca havia sido quebrada, nenhuma pedra tinha atingido suas paredes. Por que, entre toda esta manifestação, a nação decidiu proteger a biblioteca?

Por quê?

Por que histórias como esta, mesmo que menos dramática, não acontecem no Reino Unido ou nos Estados Unidos? Enquanto as cidades enfrentavam uma crise financeira devastadora fechando algumas bibliotecas, os cidadãos se reuniram, foram às prefeituras e interromperam as reuniões que aconteciam. Moradores da Filadélfia decidiram que a Câmara dos Vereadores tomasse alguma providência caso o prefeito continuasse a fechar as bibliotecas.

No Quênia, o governo está construindo Bibliotecas públicas por todo o país, em áreas rurais e urbanas. Onde as comunidades são mais remotas, foram formadas bibliotecas móveis – 5 mil livros em carros de madeira puxados por burros. Ainda mais distante, nas regiões ao Norte do país, eles ataram estas bibliotecas em camelos. Dentro das aldeias, estas bibliotecas são abertas com tendas, criando um espaço para que pais e filhos aprendam juntos. Nestas aldeias, os camelos serviam para carregar leite, carne e ferramentas de trabalho, além de servir como meio de transporte. Hoje, eles são vistos como animais essenciais para um trabalho muito especial: levar conhecimento às pessoas.

No campo ao longo da costa da Colômbia, Luis Soriano viaja junto de seus dois burros, Alfa e Beta que carregam caixas de livros. Luis, um professor de escola primária, é também o criador do “Biblioburro”. Ele leva livros para pequenas aldeias promovendo a alfabetização a crianças que em muitos anos só viam violência e conflitos naquela região. Ele começou somente com 70 livros e através de doações, a coleção foi aumentando até chegar a 4800 exemplares, indo além da capacidade dos seus amigos de quatro patas. Agora, a coleção está num pequeno quarto que se transformou oficialmente numa biblioteca filial da Biblioteca Comunitária de Santa Maria, que fica a 180km de distância[4].

Podemos encontrar bibliotecas nos mais formosos castelos da Europa ou no meio dos protestos Occupy Wall Street. Pela elite ou pelos plebeus, as bibliotecas são admiradas de forma igual. Podemos encontrar a Biblioteconomia em selvas e desertos, nas escolas, nas empresas e agências do governo.

Quando tentamos descobrir o porquê, achamos que o poder está nas bibliotecas e nos “bibliotecários de aço”. Vai além do paradigma, do edifício ou dos livros. Os cidadãos quando protestam pelas bibliotecas, não o fazem pela arquitetura ou pelo acervo. Para encontrar a resposta a este enigma, é preciso um olhar para o passado destes edifícios de livros, para os profissionais que através da história tem servido à humanidade com um objetivo: ensinar.

Bibliotecas e bibliotecários eram o centro do crescimento do império egípcio no século 3 d.C e a expansão da matemática na Arábia no século seguinte[5]. Bibliotecas ajudaram a levar a Europa da Era das Trevas para o Renascimento e ajudaram a democracia a prosperar num Estados Unidos pós-colonial. Agora, com o advento da Internet e de uma era digital, bibliotecários novamente são indicados como uma peça-chave para uma sociedade melhor, fundamentada no conhecimento e nos diversos pontos de vista. Este livro é sobre aquelas bibliotecas e bibliotecários que podem trazer uma luz para esta sociedade melhor, como trazer o futuro para o presente.

Os bibliotecários de hoje estão utilizando as lições que aprenderam ao longo de 3 mil anos de História a construir uma nova Biblioteconomia que não seja baseada em livros ou outros artefatos

para capacitar e engajar as suas comunidades. Estes bibliotecários são importantes agentes em salas de aula, salas de reuniões e câmaras legislativas. Eles construíram a web antes de nós a chamarmos de web. Compartilham conhecimento e sabem trabalhar com uma montanha de informação antes da existência do Google e do Facebook. Estes bibliotecários não são ameaçados pela Internet, eles a acompanham.

O campo da Biblioteconomia representa um investimento próximo de 7 bilhões de dólares nos Estados Unidos e de 31 bilhões em todo o mundo[6]. Em uma época em que organizações tradicionais estão declinando, a biblioteca tem crescido nos últimos 20 anos. Você sabia que no Estados Unidos há mais bibliotecas públicas que restaurantes do McDonald's e que os americanos vão às bibliotecas três vezes mais que ao cinema?[7] Quando entendemos o trabalho dos bibliotecários e as bibliotecas, descobrimos como criar credibilidade e confiança em uma comunidade aberta para mudanças e escolhas. Podemos descobrir como criar um ambiente que também se possa discordar, mas que também tenha civilidade. Ao entendermos esta nova Biblioteconomia, podemos identificar qual o papel de cada cidadão dentro da sociedade.

Talvez a grande pergunta que você esteja se fazendo, e que é o centro deste livro, é por que muitas pessoas veem a Biblioteconomia como antiquada, conservadora, pouco inspiradora? Por que é que as pessoas que adoram bibliotecas e bibliotecários rapidamente fazem uma ligação com livros ou crianças ou simplesmente como espaços que guardam a História? A resposta é que estas pessoas não estão erradas, mas que elas precisam idealizar mais. Muitas bibliotecas **estão**, são livros. Muitos bibliotecários revivem a História e estão presos num conservadorismo profissional que favorece o que eles fazem acima do porque eles fazem o que fazem. Muitos bibliotecários acreditam que seus empregos dependem dos acervos e não da comunidade. Muitas bibliotecas estão *apenas sobrevivendo* ao invés de inovar, estão promovendo a paixão pela leitura ao invés de um empoderamento para os cidadãos. Não estou afirmando que a maioria é composta destes bibliotecários, mas eles são numerosos e suas comunidades (você) esperam um pouquinho mais deles.

Este livro não foi escrito exclusivamente para estes bibliotecários, mas para pessoas que apoiam e fazem a gestão de bibliotecas. E isso inclui reitores de universidades, estudantes, pais, membros de conselhos, voluntários, e, bem, a todos os cidadãos. Vocês precisam saber do que as bibliotecas são capazes, vocês precisam aumentar as suas expectativas.

Ao longo do livro você encontrará exemplos incríveis de bibliotecas e bibliotecários. Hoje, muitos destes podem ser chamados de excepcionais, assim como você chamaria os bibliotecários do Egito ou do Quênia. Esta é a raiz do problema. Estas bibliotecas podem ter sido excepcionais em algumas circunstâncias, mas sua dedicação para os serviços e a conexão com suas comunidades

sonham.

Neste livro você lerá sobre uma biblioteca pública que criou um *Fab Lab* (laboratório de fabricação – um espaço onde a comunidade pode trabalhar com impressoras 3D e assim criar novas invenções. Você vai ler sobre uma biblioteca escolar onde o bibliotecário também se ocupa a ele a performance dos professores. Você vai ler sobre bibliotecários criando novas empresas na área rural de Illinois e transformando vidas em Dallas. Estes são os bibliotecários e bibliotecas brilhar mas se você os vê como excepcionais – além da regra – você pode idealizar um pouco mais de sua biblioteca.

Aqui está a chave para o sucesso de sua biblioteca: você. Em uma cidade ou numa das 500 melhores companhias eleitas pela *Fortune*, a biblioteca deve moldar-se ao contexto e adotar os mesmos objetivos. Se a sua comunidade se esforça para crescer, a biblioteca também precisa crescer. Se você se preocupa com o futuro, ou com a economia, ou com o futuro da democracia seu país, sua biblioteca também deve se preocupar. Se você torna pública estas preocupações, se prepara com o possível e o impossível, então a biblioteca e os bibliotecários podem abraçar estes ideais e objetivos. Claro, é uma via de mão dupla. Grandes bibliotecas esperam muito de suas comunidades e vice-versa. Sim, grandes bibliotecas também necessitam de apoio financeiro uma comunicação aberta sobre suas necessidades, seus desafios, seus sonhos.

Este livro não será uma carta de declaração de amor às bibliotecas. Não estou tentando transformá-lo em um bibliotecário *tradicional*. Pelo contrário, é um diálogo honesto e realista sobre o lugar das bibliotecas e bibliotecários em suas comunidades. Junte-se a mim, vamos juntos explorar todo o potencial!

[1] Lankes, R. D. (2011). *The atlas of new librarianship*. Cambridge, Mass: MIT Press.

[2] http://en.wikipedia.org/wiki/2011_Egyptian_revolution – Sim, é isso mesmo que você vê! Um bibliotecário usando informação da Wikipedia. E eu farei muitas vezes isso ao longo do livro. Parece que a forma como os textos na Wikipedia são construídos é muito mais transparente e rápida do que as enciclopédias tradicionais. Obviamente que também irei checar os dados em outras fontes de informação, como toda pesquisa que se preze.

[3] http://www.bibalex.org/aboutus/overview_en.aspx (acesso em 19 maio 2012).

[4] Veja: <http://en.wikipedia.org/wiki/Biblioburro> (Acesso em 08 maio 2012) e <http://www.nytimes.com/2008/10/20/world/americas/20burro.html> (Acesso em 08 maio 2012).

[5] http://www-history.mcs.st-and.ac.uk/HistTopics/Arabic_mathematics.html (Acesso em 08 maio 2012).

[6] <http://www.oclc.org/us/en/reports/2003libsstackup.htm> (Acesso em 19 maio 2012)

[7] <http://www.ala.org/ala/aboutala/offices/ola/quotablefacts/QF.3.8.2010.pdf>

3. A missão das bibliotecas: muito mais que livros

A biblioteca da Universidade de Syracuse estava cheia e não havia mais espaço nas prateleiras. Isso não é um problema incomum para as bibliotecas, independente do seu tamanho, e as soluções para este “problema” variam do descarte até a construção de um novo prédio. Syracuse tentou a primeira opção, depois a segunda, e finalmente no armazenamento fora da biblioteca. Os bibliotecários separavam os itens que não eram emprestados há 10 anos ou mais e os levavam um depósito a cinco horas de distância. Se um destes itens fosse requisitado, ele voltava para Syracuse para ser digitalizado e enviado diretamente para o computador do professor ou do aluno.

Você pode achar que são poucos os livros que não são emprestados num período de dez anos, mas você está enganado. Qualquer biblioteca empresta livros segundo a regra dos 80/20. De um acervo, 80% do que será utilizado corresponde a 20% do acervo total. Ou seja, você pode descartar 80% dos livros do seu acervo e ainda assim atenderá 80% dos pedidos de sua comunidade. Então por que manter o restante? Bem, você jamais saberá se um interagir dos 20% irá precisar de mais livros.

A biblioteca na Universidade de Syracuse, no entanto, não estava descartando os livros de baixo uso, apenas os trocava de lugar, o que parece lógico. Entretanto, o Departamento de Ciências Humanas não estava gostando disso. Professores de Teologia e graduandos em História protestaram com manifestações na biblioteca e escreveram ácidos textos. “Por que não podemos colocar os livros em um local dentro da universidade?”, “Por que começaram a fazer isso justamente pela nossa área?”

Enquanto os bibliotecários estavam esperando por alguma resistência ao plano de levar os livros para outro local, eles foram pegos de surpresa. Por anos, os bibliotecários somente potencializavam o uso do espaço da biblioteca. Com o acréscimo de espaços de aprendizagem, cafés, novos serviços e até mesmo régua de energia elétrica, a biblioteca recebeu outros usos. A biblioteca estava cheia, mas não de livros e sim de pessoas. O problema era que os acadêmicos de Humanas achavam que a biblioteca não era espaço para café e atividades diferentes, que não envolvessem livros, para eles, uma mesa a mais na biblioteca era menos uma estante, portanto, menos livros.

Esta ideia de que bibliotecas são espaços de livros, é fortemente limitada aos acadêmicos de Humanas. Há alguns anos em Syracuse, foi criado um programa de reciclagem de livros. Todos os anos os moradores poderiam colocar numa caixa os livros que queriam descartar. Entretanto,

muitos cidadãos ficaram alarmados com o ato e pediram que a biblioteca pública intervisse: “Não reciclem seus livros, doem à biblioteca!”. E a biblioteca disse não, não por estar cheia, mas por era uma ocupação a mais.

A biblioteca não tinha equipe suficiente para catalogar e classificar os milhares de livros que chegariam – ao menos foi o que disseram inicialmente. Assim, os membros da comunidade começaram a organizar os escoteiros para fazer este trabalho de catalogação e aí a verdadeira razão veio à tona: muitos livros de pouco valor e bastante estragados.

Bibliotecários escolares regularmente recebem doações de revistas *National Geographic* porque elas têm muito “valor”. Para estes doadores não importa se a biblioteca não tem espaço ou que posteriormente estas revistas poderão ser acessadas digitalmente.

Em Glendale, uma vila suburbana afliente de Cincinnati, os cidadãos começaram a montar sua própria biblioteca com livros doados. Com as prateleiras alinhadas e organizadas, as portas foram abertas. Depois de uma semana, o movimento simplesmente sumiu. O que aconteceu foi que as pessoas não queriam ler os livros que foram doados por eles mesmos e assim, acabaram indo às bibliotecas públicas, mesmo estando elas a cinco quilômetros de distância.

Estas pequenas histórias destacam um dos maiores mitos das bibliotecas modernas, de que bibliotecas são exclusivas para livros. Se você pensou o mesmo, está perdoado, pois as bibliotecas se dão muito bem lidando somente com livros e muitas delas ainda propagam esta imagem há muitos anos.

À primeira vista, mesmo um dos mais famosos ideais sobre bibliotecas falam sobre livros. Em 1931, S. R. Ranganathan propôs suas cinco leis da Biblioteconomia. Estas leis tornaram-se uma pedra angular sobre bibliotecas:

1. Livros são para usar.
2. A cada leitor o seu livro.
3. A cada livro o seu leitor.
4. Poupe o tempo do leitor.
5. A biblioteca é um organismo vivo.

Pode-se perceber que a ideia de que bibliotecas são espaços de livros está no DNA da Biblioteconomia.

Agora vamos pensar: Por que os livros são centrais nestas leis? Se Ranganathan tivesse vivido 2 mil anos, ele teria dito “nossas coisas não são para o uso”? Se trocássemos os livros por o

páginas web, estas ideias continuariam verdadeiras? Eu creio que sim. Estas leis realmente indicam que o centro da biblioteca é a comunidade. O trabalho da biblioteca é atender às necessidades de sua comunidade e não ser simplesmente um local cheio de materiais.

Bibliotecas, boas e ruins, existem há centenas de anos. Através de todo este tempo, obviamente elas se tornaram “depósitos” de materiais informacionais, mas também foram além disso, passaram a ser espaços de aprendizagem e recentemente até como incubadoras de desenvolvimento econômico. Na verdade, a ideia de que bibliotecas são entupidas até o teto de livros e outros documentos sobreviveu somente até os anos 80.

Veja só como é atualmente a Biblioteca Livre da Filadélfia



Figura 2: Atual sala de música da Biblioteca Livre da Filadélfia

Livros em prateleiras entre colunas: uma biblioteca. Agora, veja a mesma biblioteca nos anos 20



Figura 3: Sala de leitura da Biblioteca Livre da Filadélfia em 1927

Sim, é o mesmo setor. Mesas de trabalho, luz natural – um espaço mais voltado ao estudo que para os livros.

Quando começamos a pensar que bibliotecas é um paraíso de livros? Elas sempre abrigaram coleções de materiais, mas este conceito de “depósito” é relativamente moderno. Esta noção surgiu num tempo em que o intuito das bibliotecas era o de ter coleções completas e para acelerar esta vontade, uma dramática queda nos preços de obras impressas. Foi somente no século XX que os livros produzidos em grande escala começaram a lotar bibliotecas e escolas.

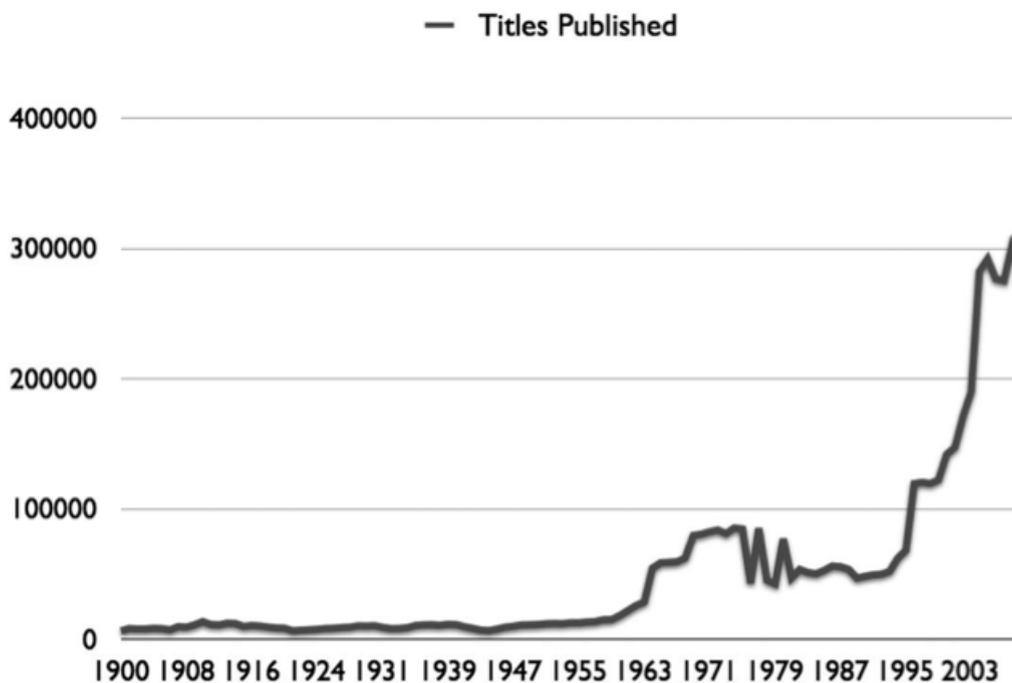


Figura 4 – Crescimento do número de títulos publicados mundialmente

Esta bibliofilia mudou o jeito como olhamos não somente para as bibliotecas atuais, mas para todo o longo da história.

Vejamos o caso da Biblioteca de Alexandria mencionada no primeiro capítulo. Originalmente, ela é uma das maravilhas do mundo. Hoje, quem pensa nela a imagina como uma enorme coleção de documentos sobre o mundo antigo – e realmente era. Minha história favorita desta época é sobre navios que atracavam no porto de Alexandria, um dos mais movimentados do mundo naquela época, e recebiam vários soldados que confiscavam qualquer documento que encontrassem (inclusive os utilizados no lastro). Todos estes documentos eram levados para a biblioteca, copiados e o que voltava para os navios eram as cópias e não os originais.

Mas se você está pensando na antiga biblioteca como um enorme depósito de documentos, corra e veja a foto atual da Biblioteca Livre da Filadélfia, você está enganado. Na verdade, a Biblioteca de Alexandria se assemelhava muito mais com as universidades atuais, eram vários edifícios no

a palavra “museu”. O prédio principal serviu tanto como dormitório quanto como depósito. Estudiosos do mundo todo foram convidados para se reunirem naquele local com o propósito de conversarem e de criarem, o que acabou originando num dos primeiros centros de inovação que tem notícia.

Quando a Biblioteca de Alexandria foi destruída, a maior parte de sua coleção recebeu um novo espaço da Espanha Moura, onde os documentos foram traduzidos e lidos. Isso ficou evidente durante as primeiras cruzadas no fim da era medieval. Como cruzados “libertados” da cidade de Toledo, eles descobriram diversas bibliotecas. Deve ter sido impressionante encontrar uma das oitenta bibliotecas que possuía mais volumes do que em toda a França. Mais notável ainda é que cidadãos não preservavam os manuscritos, eles estavam preocupados em desenvolver novas formas arquitetônicas, novos aquedutos, novos modos de governar, além da álgebra (incluindo o conceito de zero). Alguns historiadores creditam às bibliotecas do mundo muçulmano a criação de universidades e até do próprio Renascimento. Na Inglaterra Vitoriana, as bibliotecas públicas tinham salão de jogos.

Andrew Carnegie construiu mais de 2509 bibliotecas ao redor do mundo encorajando a participação democrática e oportunidades sociais. As bibliotecas públicas têm sido galerias de arte, estão levando livros para comunidades rurais com transporte próprio. Meu ponto é que, se você pensar em uma biblioteca como um monte de livros dentro de um prédio (pior ainda, se está alguém for um bibliotecário) está na hora de acreditar MUITO MAIS no potencial de uma biblioteca

Atualmente grandes bibliotecas estão transformando seus espaços de quietude de uma ou duas salas, para grandes construções. O domínio agora não é mais dos bibliotecários, mas da comunidade. Mas o que está guiando esta transformação? O que significa o “organismo em crescimento” de Ranganathan? Adotemos uma missão a longo prazo:

A missão de uma biblioteca é melhorar uma sociedade facilitando a criação de conhecimento uma comunidade.

Esta é uma reflexão minha, mas caso você queira entender melhor, há conceitos subjacentes que podem ser vistos no decorrer da História, onde estudiosos utilizam a biblioteca para o desenvolvimento de suas pesquisas, como é o caso deste livro, que começou nas bibliotecas de Kenya e Columbia. Bibliotecas ruins somente criam um acervo. Boas bibliotecas criam serviços. Grandes bibliotecas constroem comunidades.

Placas de pedra se tornaram papiros, papiros tornaram-se manuscritos, manuscritos em livros e estes rapidamente estão se transformando em aplicativos. As ferramentas que as bibliotecas utilizam para alcançar a sua missão, qualquer tipo de missão, irão mudar. O propósito de usar e

com conhecimento, não com ferramentas.

O restante deste livro falará sobre como as bibliotecas podem ir além com base nos componentes apresentados anteriormente (melhorias, conhecimento, facilitar...), mas antes precisamos pensar sobre duas questões: a leitura e a importância de ter uma missão.

Gosto de ler... mas nem tanto

Vamos resgatar a missão das bibliotecas novamente: melhorar a sociedade facilitando a criação de conhecimento. O que aconteceu com a promoção à leitura e ao amor aos livros? Crer que a biblioteca possa oferecer mais, significativamente abandonar a leitura e a literatura, ficção e poesia? A razão da leitura não estar no centro desta “nova” missão é porque algumas bibliotecas não a têm também como centro. Bibliotecas públicas e escolares veem a promoção e a expansão da leitura como ferramentas de seus objetivos; bibliotecas empresariais e universitárias pressupõem que as pessoas que elas atendem já possuem o hábito pela leitura. Além do mais a leitura é ferramenta crucial para a criação de conhecimento. Alguns aprendem lendo, outros vendo, outros fazendo; na maioria aprende com a combinação destes verbos. Devemos esperar que as bibliotecas ofereçam todas estas modalidades de aprendizado.

Quando as pessoas me perguntam sobre bibliotecas, leitura e eu cito a missão que venho discutindo aqui, elas voltam a questionar: “Mas eu simplesmente não posso utilizar a biblioteca para ler um bom romance ou emprestar um DVD, sem querer “salvar o mundo”? Não há valor para leitura e recreação?”. Minha resposta é que sim e que a ficção é tão importante para o aprendizado e construção do conhecimento quanto a leitura técnica. Um bom romance pode revelar uma verdade fundamental que às vezes nem a Filosofia conseguiria. Além disso, inspiração para grandes ideias podem vir quando menos esperamos, inclusive deste tipo de leitura.

Muito da literatura sobre Biblioteconomia se baseia no conceito de informação e de capacitação ignorando ou silenciando que as bibliotecas ainda podem ser espaços de recreação e do desenvolvimento da leitura. Para ser mais claro, este livro foca nas bibliotecas como espaços sociais de engajamento e aprendizado. A questão é: “as bibliotecas deveriam apoiar a leitura de recreação?” A resposta para esta questão depende de sua comunidade. A real questão gira em torno de indivíduos que querem transformar o prazer pela leitura em algo social ou orientada a um objetivo maior.

Aí eu leio um livro e me apaixono pela história. Poderia ser o suficiente para mim. Mas e se este livro me inspirasse a escrever o meu próprio livro, ou inventar algum novo dispositivo, ou formar um grupo de outras pessoas que também gostaram do livro? Não é objetivo da biblioteca determinar resultados de cada leitura com a finalidade de dizer às pessoas o que e porque deve ser lido. M

quiserem e como quiserem.

A prática leva à perfeição, portanto, quanto mais espaços de apoio à leitura, melhor (biblioteca, escola, parque, laboratório, videogames). Quando lemos as palavras “conhecimento” e “aprendizado” no decorrer deste livro, não devemos limitar somente a livros didáticos e artigos científicos. Poesia, romance e uma boa ficção científica também podem contribuir para a criação de conhecimento.

A partir de agora veremos como as bibliotecas percebem isso nas declarações de suas missões

Missão para quem?

A declaração de uma missão é um texto muito importante, pois representa o que é mais relevante nas ações de uma organização. É na missão que temos as primeiras impressões sobre como a biblioteca atua e como ela percebe a sua comunidade. Vamos dar uma olhada em algumas missões de bibliotecas e outras organizações:

Vamos começar com a grande missão que é da Biblioteca Pública de Nova York:

“A missão da Biblioteca Pública de Nova York é inspirar o aprendizado ao longo da vida, o avanço do conhecimento e o fortalecimento de nossas comunidades”

Nada melhor que o avanço do conhecimento e comunidades fortes.

Falando em avanço do conhecimento, veja a missão das bibliotecas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT):

“A missão das bibliotecas do MIT é criar e manter um ambiente intuitivo e confiável de informações, que permita a aprendizagem e o avanço do conhecimento dentro do MIT. Estamos empenhados em desenvolver de forma inovadora serviços, estratégias e sistemas que promovam a descoberta, preservem o conhecimento e melhore a comunicação científica em todo o mundo. Nós capacitamos o MIT através de conhecimento”.

Agora a missão da Biblioteca do Congresso:

“A missão da Biblioteca é apoiar o Congresso no cumprimento de seus deveres constitucionais para promover o progresso do conhecimento e da criatividade em benefício do povo americano”.

Note que está clara a definição de comunidade: o povo americano.

Para pais, professores, gestores e todos os interessados em escolas, aqui uma ótima missão para bibliotecas escolares:

vibrante com o Judaísmo. Na Tehiyah, vivemos o currículo!”

e

“A missão do programa da biblioteca escolar é:

- ser parte integrante da Escola Elementar Whittier e envolver sua comunidade*
- promover colaboração com criação de aprendizado autêntico a todos os estudantes*
- promover recursos de qualidade e instrução a estudantes e funcionários*
- encorajar funcionários e estudantes a serem usuários ativos da biblioteca*
- promover a leitura e o aprendizado pelo prazer e pela necessidade de informar-se”*

e

“A missão do Sistema de Escolas Públicas do Condado de Howard é garantir ensino e aprendizado para que cada aluno participe de forma responsável num mundo cheio de mudanças”.

Acho fascinantes todas estas missões. Elas nos mostram que em diversas instituições a missão pode ser curta e significativa. Elas também apresentam o impacto que queremos que as bibliotecas tenham. Não é por acaso que estas organizações possuem reputação internacional.

Agora vamos ver algumas missões nem tão inspiradoras assim. Mudei os nomes das instituições para “Minha Cidade” ou “Minha Escola” para preservá-las.

“A Biblioteca Pública de Minha Cidade oferece materiais em diferentes formatos e serviços para pessoas de todas as idades, ajuda os indivíduos de sua comunidade a obter informação para suas necessidades pessoais, educacionais e profissionais. Todos os serviços da biblioteca são vigorosamente promovidos para a qualidade de vida dos cidadãos de Minha Cidade.”

Além do fato de ser uma missão que fala claramente dos materiais da biblioteca, há outro ponto ruim nela: é uma missão de biblioteca ou promoção da biblioteca? Não é um pouco arrogante dizer que a vida dos cidadãos vai melhorar por conta da presença da biblioteca? E também, o que podemos esperar desta biblioteca?

Ok, vamos à próxima:

“A missão da Biblioteca Pública da Minha Cidade é:

Fornecer materiais e serviços para as necessidades de lazer de seus clientes.

informativas de seus clientes.

Fornecer materiais e atividades que reforcem culturalmente seus clientes, promovendo o desenvolvimento internacional, nacional, local e individual das pessoas.

Promover a formação continuada de seus clientes, apoiando a aprendizagem além dos cursos acadêmicos, com materiais que melhorem sua qualidade de vida, que atendam seus interesses pessoais e qualifique seu desempenho no trabalho.

A Biblioteca de Minha Cidade reconhece o impacto da tecnologia, da comunicação, especificamente a eletrônica, por isso, se esforça em fornecer acesso à tecnologia em diferentes formatos. No cumprimento de sua missão, a Biblioteca apoia o princípio da liberdade de expressão e o direito público ao ensino. A Biblioteca promoverá uma atmosfera livre para pesquisas, fornecendo informações sem discriminação ou preconceito”.

Minha principal queixa neste tipo de missão é a de que, perceba, está centralizada em apresentar materiais e não em promover a criação, a gestão participativa com a comunidade da biblioteca. Não é a biblioteca como um serviço, mas como uma servidora. **Este é um dos principais pontos da Nova Biblioteconomia, a relação da biblioteca diretamente com sua comunidade.**

Bibliotecas “para o povo” é uma antiga maneira de pensar sobre elas, parecendo que ao mesmo tempo em que a comunidade pode usar (e às vezes pagar) a biblioteca, ela também pode ser descartada. Uma nova maneira é a biblioteca “de pessoas”. A comunidade é parte integral do que a biblioteca faz e os bibliotecários são membros de pleno direito da comunidade. Os bibliotecários não deveriam trabalhar exclusivamente por causa do seu emprego ou porque precisam criar um produto que precise ser consumido pela comunidade, mas pelo fato de tornar a sua comunidade melhor, onde seus membros não apoiam a biblioteca porque são clientes satisfeitos, mas porque são parte integrante e atuante dentro da biblioteca.

Este conceito de biblioteca é análogo ao governo democrático. Quando o povo se sente parte de um governo, seus pontos de vista são representativos, suas vozes são ouvidas, eles estão “governando”. Quando, no entanto, eles sentem que o governo é um pouco distante da classe política permanente, ocorre insatisfação (ou, em casos extremos, uma Primavera Árabe).

Bibliotecas não devem ser para pessoas, mas de pessoas. Quando um membro da comunidade caminha por uma biblioteca, ele deve vislumbrar oportunidades para contribuir, ter voz, ajudar a instituição.

Da mesma forma o bibliotecário deve apresentar um excelente serviço não somente porque assim deve fazê-lo, porque recebe um salário para isso, mas porque sua comunidade irá melhorar e conseqüentemente teremos melhores bibliotecários. É um ciclo vicioso e virtuoso.

Vamos checar agora outras missões desanimadoras, só que de bibliotecas universitárias:

“A Biblioteca Universitária fortalece o empreendimento acadêmico da Faculdade X, fornecendo apresentando e preservando uma ampla variedade de recursos informacionais. Nós utilizamos abordagens inovadoras no trabalho com os professores e alunos, a fim de ajudá-los a descobrir, usar, gerenciar e compartilhar informações para os processos de ensino, pesquisa e aprendizagem”.

Para ser honesto, esta missão não é tão notória, mas ainda é muito mais sobre o fortalecimento de uma instituição através de recursos informacionais. Além disso, a inovação é algo bom, mas aqui foi tratada somente na gestão, ela não tem o propósito de convidar as pessoas a trabalhar juntas com inovação. A missão também afirma sobre como os professores e alunos podem crescer com o que a biblioteca oferece, mas não apresenta a aprendizagem com o viés da biblioteca.

Próxima:

“A missão da Biblioteca Universitária Y é apoiar as necessidades de investigação de seu corpo docente e discente, oferecendo um excelente acervo e serviços de alto nível. Em consonância com sua missão, a Biblioteca oferece suporte às necessidades de investigação da comunidade externa”.

Voltemos à biblioteca pública para fechar com mais um exemplo:

“A Biblioteca da Cidade W é um agente de serviço público que oferece a toda a população um importante acervo em diferentes formatos que registram conhecimento, ideias, e a cultura do homem de forma organizada para fácil acesso. Ênfase especial para todos os formatos a fim de promover aprendizagem ao longo da vida. A Biblioteca serve especialmente como um local para que as crianças descubram a alegria da leitura e o valor das bibliotecas”.

Como esta biblioteca pode afirmar que tem uma coleção abrangente de conhecimentos, ideias e cultura do homem? Há uma superexposição com uma sub-entrega neste caso.

Uma missão baseada em grandes expectativas

As bibliotecas possuem uma missão, que geralmente versa sobre como melhorar a sociedade onde está inserida a partir da criação de conhecimento. Obviamente, estas missões são únicas para cada uma delas, entretanto, costumam estar dentro de uma missão de uma organização maior: as bibliotecas públicas para as cidades, as acadêmicas para as universidades, as escolares para a escola e assim por diante.

Voltaremos a falar de missões de bibliotecas no capítulo cinco, onde discutirei sobre o que é

4. Facilitando a criação de conhecimento

Foi um inverno excepcionalmente quente em Syracuse, mas ainda assim frio, como pude perceber ao caminhar com meus dois filhos – Riley de 11 e Andrew de 8 anos – até a Biblioteca Pública de Fayetteville. Fayetteville é um subúrbio de Syracuse, onde a biblioteca foi construída na antiga fábrica Stickley Furniture. Lá, fomos ao encontro da bibliotecária Lauren Britton, que iria nos mostrar seu trabalho com impressão 3D.

Meses antes, Sue Considine, diretora da Biblioteca, tinha anunciado com bastante empolgação a criação de um Fab Lab. Neste espaço, os membros da comunidade poderiam manusear impressoras 3D e outras máquinas de serviço manufaturado. Lauren Britton teve esta ideia ainda quando era estudante de pós-graduação em Biblioteconomia.

Na visita, a Lauren instalou a impressora 3D, uma MakerBot Thing-o-Matic. É uma “caixa” de um aparênci um pouco estranha, com 2 metros em cada uma de suas dimensões. Esta máquina é um equipamento de alto padrão que custa milhares de dólares e que é utilizada por grandes fabricantes. A MakerBot é uma máquina de código aberto que custa menos de 2 mil dólares e vem crescendo no mercado, criando inclusive uma comunidade “Maker”.

Em seguida, a bibliotecária nos mostrou a impressora funcionando. Poderíamos imprimir nossa própria ideia ou baixar algo pronto a partir de milhares de modelos pré-fabricados disponíveis online. Começamos imprimindo um anel, que Andrew depois levou para a sua sala de aula e explicou aos colegas como o fez na biblioteca, já Riley imprimiu um robô.

Por enquanto a MakerBot é limitada para impressão de pequenos objetos, mas ainda assim ela pode nos mostrar o potencial do que está por vir. Imagine se em algum momento você tiver uma ideia para um novo aparelho ou queira imprimir uma estátua famosa, você simplesmente poderá fazê-lo. Não é bom com desenho 3D? Basta tirar algumas fotos de um objeto com as três dimensões, girá-lo na frente de um Xbox Kinect e enviar o modelo para a impressora. Acredite, isso não é ficção científica, já está acontecendo!

Mas por que tudo isso em uma biblioteca? Não é uma pergunta retórica, mas ela surgiu em vários sites de tecnologia quando a Biblioteca de Fayetteville anunciou o seu Fab Lab.

Não quero responder esta questão agora, mas sim ampliá-la. Depois de tudo o que você leu, onde explorei um capítulo dizendo que as bibliotecas não são espaços exclusivos para livros, como se tornar um Fab Lab? Como definir sem limitar os produtos e serviços de uma biblioteca? Se não

devo esperar que a biblioteca seja um depósito de livros, o que devo esperar? O que uma biblioteca deve fazer?

Biblioteca como facilitadora

Em uma só palavra, o que bibliotecas e bibliotecários fazem é facilitar.

Para alguns pode parecer um pouco contraditório. Revoluções no Egito, Fab Labs e inspirar a comunidade parece que exigem uma palavra mais “forte” que *facilitar*, algo do tipo “empoderar”, “advogar” ou até mesmo “inspirar”. Bibliotecas deveriam fazer tudo isso. Lembre-se que facilitar apenas uma pequena parte de toda missão de “melhorar a sociedade facilitando a criação de conhecimento em suas comunidades”. A palavra fundamental é “melhorar”, o que significa que é algo ativo, que está sempre acontecendo. Melhorar não é ficar sentado e esperando que alguém convide... ninguém consegue mudar o mundo esperando sentado por um convite. É necessário: pró-ativo, colaborativo e inovador. Bibliotecas e bibliotecários trabalham para facilitar a criação de conhecimento, trabalhando para tornar você e sua comunidade mais inteligentes.

As bibliotecas fazem (ou deveriam fazer) isso de quatro modos:

1. Fornecem acessos
2. Fornecem capacitações
3. Proporcionam um ambiente seguro
4. Motivam para aprender

Cada um destes modos de facilitar podem ser um pedaço que constrói a ponte para o aprendizado tendo acesso ao conhecimento. Depois de ter o acesso, é necessário compreender como usá-lo assim, num espaço seguro, querer usá-lo.

O primeiro modo é bastante comum pelas bibliotecas: prover o acesso. Todas tentam alcançar os quatro modos, ao menos teoricamente. O único problema é que as bibliotecas se preocupam mais em como providenciar o acesso ao conhecimento do que ajudar a sua comunidade a criá-lo. Se nossas bibliotecas quiserem continuar a existir no futuro, dando suporte a suas comunidades, elas precisam trabalhar muito melhor sob este aspecto.

O que é conhecimento?

Primeiro, eis o que conhecimento não é: um acúmulo calmo e passivo de fatos. Não é uma base de dados com artigos ou um prédio cheio de livros. Conhecimento não é medido, estático, desapaixonado.

Conhecimento é dinâmico, sempre mudando. Ele nos direciona para questionar o mundo, questionar um ao outro, a Deus, a natureza. Conhecimento é uma força que direciona a economias artes e induz os bibliotecários para serviços. O conhecimento é construído em nossas bibliotecas, nossas universidades, nossas casas, bares e carros. Conhecimento é, em uma última análise, a forma como vemos o mundo determinando como agimos.

Ter a noção de que o conhecimento é dinâmico é bastante importante quando falamos a respeito do que podemos esperar mais das bibliotecas. Se você visualiza o conhecimento como algo contido em livros, artigos, bases de dados, você facilitará a criação de um novo conhecimento quando disponibiliza estes artefatos. Agora, se você vê o conhecimento como algo mais dinâmico que é criado pelos interagentes, pela comunidade, então é necessário mudar radicalmente sua biblioteca, tornando-o um espaço ativo de aprendizagem.

Esta visão dinâmica de conhecimento e aprendizagem mudará como ensinamos as crianças nas escolas. Foi-se o tempo em que o modelo de ensino do “professor no palco” era visto como a melhor forma de entregar o conteúdo que há no currículo do curso. Agora os alunos criam conhecimento, colocam a “mão na massa”, trabalham juntos em projetos. Longas horas de slides PowerPoint estão sendo trocados por simulações e jogos. As ciências cognitivas e de aprendizagem nos mostram que as pessoas não são espaços vazios à espera de alguém que o encha de conhecimento; muito pelo contrário, quem aprende é proativo. Aquele professor que ficava no palco agora está ao lado do aluno e nossas bibliotecas devem passar pela mesma mudança.

Provavelmente esta noção de conhecimento construído de maneira ativa seja a grande expectativa de mudança que queremos em nossas bibliotecas, tornando-as melhores e mais efetivas. Para que isso aconteça, é importante que a biblioteca se permita. Certamente, em muitos casos, somente sobre um assunto é o suficiente, mas em outras situações, é necessário praticar e experimentar, explorar e aprender.

Buffy Hamilton, bibliotecária da “Biblioteca Inquieta” da Escola de Ensino Médio Creekview em Canton, Georgia, sabe muito bem disso. Buffy não fica organizando prateleiras e livros. Ela está mais ocupada em projetos como o Media 21, que ela descreve como:

“O bibliotecário escolar e a professor de Inglês do segundo ano trabalhando juntos num projeto longo do semestre criando uma experiência participativa de construção do conhecimento utilizando mídias sociais e ferramentas de computação em nuvem. As ferramentas utilizadas foram do Netvibes ao Evernote e Google Sites, estudantes blogavam, contribuía em wikis, usando marcadores sociais, desenvolvendo portfólios de pesquisa e ensino, com o uso ético da informação. O programa foi avaliado pela Associação Americana de Bibliotecários Escolares. Padrões para o Ensino do Século 21”

E Buffy não está sozinha. Sue Kowalski é bibliotecária na Escola de Ensino Médio Pine Groove, East Syracuse, Nova York. Em 2011 sua biblioteca foi nomeada “Biblioteca do Ano” pelo Programa Nacional de Biblioteca Escolar da Associação Americana de Bibliotecários Escolares. Por quê? Não foi por causa de seu acervo ou arquitetura, mas por causa da aprendizagem que é engajada em todos os cantos da escola pelos alunos. Sue não guarda livros, ao invés disso, ela criou um grupo de estudantes (chamado “iTeam”) que cuida do acervo – e aprendem, ensinam novas tecnologias e solucionam problemas, e organizam eventos dentro e fora da biblioteca.

Como os bons bibliotecários escolares – aqueles profissionais que desejamos em nossas escolas – conectam e engajam a aprendizagem? Joyce Valenza, bibliotecária da Escola de Ensino Médio de Springfield Township desenvolve um manifesto sobre isso. O que você deve esperar de um bibliotecário escolar em termos de leitura?

- *Considere novos meios de promover a leitura: audiobooks, Playaways, Kindles, iPads, No*
- *Compartilhe aplicativos de ebooks.*
- *Promova a leitura, utilize redes sociais como Shelfari, Good Reads ou LibraryThing.*
- *Veja o que seus alunos estão blogando e tweetando sobre leitura e promova estas postagens.*
- *Até os descansos de tela dos computadores podem promover a leitura.*
- *Divulgue links com ebooks gratuitos.*
- *Avalie e comente livros em seus próprios blogs, wikis e outros websites. (Procure pela wiki Reading 2.0 e a BookLeads para ter algumas ideias).*
- *Incorpore ebooks nos espaços virtuais da biblioteca e nos ambientes de aprendizagem.*
- *Trabalhe em conjunto com os alunos para criar rodas de conversa sobre leitura e trailers de livros.*

O manifesto continua, agora abordando comunicação e publicação:

- *A comunicação é o produto final da pesquisa, portanto, você deve ensinar os alunos a se comunicar de maneira efetiva e criativa. Considere novas ferramentas de interação e engajamento para os seus projetos.*
- *Colabore com seus alunos, preencha o espaço da biblioteca com produções deles – seus vídeos, músicas, artes.*
- *Conheça e divulgue os trabalhos publicados por seus alunos digitalmente (veja estas ferramentas: Digital Publishing, Digital Storytelling).*

Esteja atento à colaboração. Se você ler todo o manifesto (que eu recomendo fortemente), verá

é algo muito diferente do modelo do professor no palco. Um bom bibliotecário escolar não se limita a um acervo, mas sim um parceiro ativo no processo de aprendizagem. Um bom bibliotecário escolar também é uma espécie de professor, que colabora com os demais a se aprofundar em algumas áreas. Este bibliotecário – que gostaríamos tanto que tivesse em todas as nossas escolas – orienta os alunos de maneira bastante livre e bem estruturada.

Quais os benefícios para a escola? Retenção de alunos e resultados de testes (como o ENEM, no Brasil) mais elevados. Estudos no Alasca, Colorado, Flórida, Indiana, Massachusetts, Michigan e Carolina do Norte apresentaram melhores resultados em testes onde havia um bibliotecário com este perfil. Um estudo na Pennsylvania mostra:

“A mera presença de um acervo grande de livros, revistas e jornais não é suficiente para que bons resultados acadêmicos sejam alcançados. Este acervo só trará resultados positivos se fizer parte de uma ação interativa envolvendo toda a escola, dentro da proposta curricular.”

Um aumento de desempenho escolar não vem simplesmente de ter uma sala chamada de biblioteca no prédio da escola, bem como também não está vinculado com o seu tamanho. Ele pode melhorar com a presença de um bibliotecário qualificado, mas não um mero bibliotecário escolar, mas um que seja bastante engajado, que trabalhe junto do professor e dos alunos, sem foco em suportes informacionais.

Depois de todos estes parágrafos, preciso deixar algo muito claro: escola sem bibliotecário tem alunos com baixo desempenho. Você sempre deve esperar mais da escola. Você tem um bibliotecário na escola e não sabe o seu nome? Espere mais dele. Se você é professor e não sabe como a biblioteca e o bibliotecário podem ajudar em sala de aula, a resposta está nas questões que o bibliotecário pode fazer. Se você é o diretor e vê a biblioteca somente como uma extensão da sala de aula ou um espaço para guardar livros, você precisa mudar seu modo de pensar urgentemente!

Expandindo a definição de facilitação

Toda esta ênfase na aprendizagem pode fazer bastante sentido na biblioteca escolar, mas e nas demais bibliotecas? Vamos voltar à nossa questão primordial: o que constitui um serviço de biblioteca? Vamos retornar aos significados de facilitação, mas desta vez acrescentando nosso senso mais dinâmico de conhecimento.

Fornecer acesso

Quando falamos de fornecer acesso, geralmente se associa o acesso a coleções. Isso mudou um pouco, pensando em informação de um modo mais amplo, mas ainda assim se pensa na

grande problema ao se pensar em acesso. Em essência, muitas bibliotecas têm definido acesso como acesso ao seu acervo. É necessário esperar mais da biblioteca. É necessário pensar a biblioteca como uma plataforma onde se encontrem as ideias das pessoas, mas também que al espaço para que os demais tenham acesso às suas ideias.

Joan Fry Williams, bibliotecário e um proeminente consultor de bibliotecas, resume isso quando que as bibliotecas devem passar de mercearias para cozinhas. Na primeira você somente adquire compra ingredientes. É na cozinha, entretanto, que é onde estes ingredientes são combinados de acordo com suas habilidades e talentos, dando um significado a eles. Tendem a ser espaços sociais, onde tudo pode acabar em festa, porque é onde a ação acontece. Bibliotecas precisam cozinhas: espaços sociais ativos onde você mistura os ingredientes (informação, recursos, talentos) que se transformam num prato saboroso e suculento.

Isso é o que Joyce Valenza vem discutindo em seu manifesto quando ela fala sobre alunos publicando suas histórias e colaborando com os professores. Sua biblioteca fornece acesso não somente a materiais, mas a colegas, professores, as ideias da comunidade, e ferramentas como câmeras, laptops, sites de mídias sociais, livros, etc. Note que não foi o acesso a ferramentas que fez da biblioteca de Joyce uma excelente biblioteca, mas sim o acesso ao conhecimento e a comunidade em si.

Se sua biblioteca é simplesmente um lugar para consumir – acesso a publicações e outros itens – não um lugar para criação, então você deveria acreditar mais.

Como uma biblioteca pode facilitar a criação de conhecimento através do acesso? Na biblioteca Fayetteville isso foi alcançado com impressoras 3D e outros itens. Já as bibliotecas universitárias podem organizar grupos de estudo ou construir comunidades online. Por exemplo, aprender a trabalhar em equipe é uma competência cada vez mais frequente nos processos de ensino por professores universitários, pois quando os alunos são colocados nesta situação, aprendem a trabalhar de maneira colaborativa e interdisciplinar. No entanto, muitas vezes isso fica somente na sala de aula, não sendo visível a participação da biblioteca, que poderia apresentar ferramentas de colaboração online, acesso e edição de documentos ou até mesmo locais para armazenar citações e referências. A biblioteca pode prover diferentes maneiras de acesso. A biblioteca deveria ser um local para ir, seja fisicamente ou de maneira online, que ajudasse a criar e compartilhar ideias, que é como as comunidades aprendem: colaborando e conversando.

Claro, isso nos faz pressupor que as pessoas saibam trabalhar online suas ideias. Vamos discutir um pouco sobre isso?

Fornecer treinamento

suporte técnico explicando como usar um livro. Ele começa de maneira bastante básica, desde como abrir um livro até como virar suas páginas. Ele ainda afirma: “Não, o texto não vai embora quando você vira a página e para desligar, basta fechar a capa”. Como qualquer boa piada, ela perde a graça quando explicada, portanto, vá assistir ao vídeo. Ele nos faz pensar de alguma forma de que precisamos aprender a usar os livros como ferramenta de criação de conhecimento, caso se estivéssemos aprendendo a ler.

Qualquer tecnologia precisa de algumas instruções básicas para o modo de usar. Não aprender a ler dormindo em cima de livros. Acesso não é o suficiente. Precisamos acreditar que nossas bibliotecas ajudem a preparar a comunidade a se engajar num aprendizado sempre ativo.

Vamos agora para uma segunda forma de facilitar a criação de conhecimento: oferecer treinamentos. As bibliotecas deveriam trabalhar com os membros de sua comunidade numa atividade de aprendizagem especificamente que permitisse a própria comunidade a ter participação no ensino. Muitas bibliotecas já fazem isso. Em bibliotecas públicas, bibliotecários oferecem noções básicas de informática e escrita. Por décadas, bibliotecas universitárias oferecem capacitações em fontes de informação. Minha história predileta sobre treinamentos vem de uma biblioteca da área jurídica.

Um advogado chega para o bibliotecário e diz que revirou a noite atrás de uma informação a respeito de um perito adversário, com o qual estará na corte dentro de uma hora. O bibliotecário consegue encontrar a informação no LexisNexis em pouco mais de cinco minutos. E assim, tem mais uma daquelas histórias do “bibliotecário salvou o dia”, só que isso não é mais novidade para as bibliotecas. Bibliotecários oferecem este tipo de serviço de referência desde o início dos anos 90. O que faz esta história ser boa não é o resultado para o advogado e na realização de missão cumprida pelo bibliotecário.

O advogado estava procurando por informações sobre uma testemunha que é perita. Advogados chamam cientistas, engenheiros, médicos e uma variedade de profissionais para ajudá-los no caso. Se o advogado estivesse tentando defender um louco, ele chamaria um psiquiatra, se fosse um engenheiro químico, seria alguém desta área e assim por diante. Isso significa que o caráter e a competência da testemunha é muito importante. Portanto, os advogados chamam os especialistas justamente para se certificar das credenciais da testemunha, buscando identificar alguma falha ou evidência contraditória que ajude no caso.

O bibliotecário jurídico percebeu que, embora os advogados sejam experts sobre leis, encontrar e tirar o crédito dessas testemunhas é um caso de problema de informação que necessita de habilidades diferentes. Os advogados não eram especialistas em química ou psiquiatria e não sabiam argumentar tecnicamente com as testemunhas e buscar informações sobre o caso.

de advogado para advogado dizer que ele poderia ajudar e que era o melhor nesta tarefa, pois percebeu que ninguém gosta de ouvir que não é bom em alguma coisa e que somente procurar Google este tipo de informação não é o suficiente. Então, eles criaram uma turma chamada “Assassinato de caráter 101”.

Nesta turma, eles falavam sobre pesquisa em artigos acadêmicos, como encontrar cientistas de determinadas áreas e assim por diante, sendo que após cada exemplo o bibliotecário menciona “se você está ocupado, eu posso fazer isso por você”. Desta forma, o contato entre bibliotecários e advogados cresceu absurdamente, pois eles sabiam qual a melhor forma de encontrar informação confiando nas habilidades do bibliotecário. Se o bibliotecário não tem muita ideia do que faz em uma organização, acredite mais!

Há diferentes exemplos de serviços de capacitação oferecidos por bibliotecas e muitos deles não são com os alunos sentados em uma sala de aula. Por exemplo, em Delaware, a Divisão de Bibliotecas do Estado uniu-se com os escritórios governamentais de desenvolvimento econômico e educação de adultos para construir centros de treinamentos voltados a ofertas de emprego e desenvolvimento de competências:

“Esta concessão trará uma grande diferença, sendo capaz de levar a tecnologia móvel para nossas bibliotecas e oferecer aos moradores de Delaware novos serviços que os ajudem a encontrar empregos e promover sua educação”, diz o governador Jack Markell. Enquanto nos bibliotecas fazem um trabalho fantástico com informação, estes novos serviços irão torná-las um recurso ainda mais valioso para nossos moradores, capacitando-os para um mercado de trabalho muito dinâmico”.

Nos casos das bibliotecas públicas que trabalham com a questão de empregos, muitas vezes se fornece o acesso a computadores para acessar sites que ofertam vagas ou então para cadastrar currículos. É necessário ir além, trabalhar as competências e habilidades para a conquista da vaga.

Você deve se lembrar das bibliotecas do norte de Illinois que se uniram para criar o TransformU mencionado no Capítulo 2. Foram criadas parcerias por bibliotecários com faculdades da região, escritórios do governo e empresas locais no desenvolvimento de habilidades, onde o bibliotecário consegue facilitar todo o processo de contratação de novos funcionários.

Estas ideias se estendem para as bibliotecas universitárias, onde alunos calouros são indicados aos bibliotecários no momento da admissão, que orienta em todos os ambientes informacionais da instituição. São apresentados também alguns recursos fundamentais para o percurso acadêmico do aluno, sobre vida acadêmica, alimentação e outros.

Os bibliotecários universitários não devem parar por aí. Cada vez mais vocês devem se encaixar

Twitter; interagir com o professor, lembrando-o de citações e livros de bibliografia básica. É necessário trabalhar diretamente com o corpo docente na criação de grupos de pesquisa, fornecendo capacitações.

Se a sua biblioteca – pública, universitária, escolar, especializada – não tiver capacitações para melhor desenvolvimento das atividades de sua comunidade, então é necessário que se acredite mais.

Proporcionar um ambiente seguro

Abraham Maslow era professor de Psicologia. Ele sabia poucas coisas sobre treinamento e ensino. Sabia, por exemplo que no ambiente de trabalho é que se poderia aprender muitas coisas e assim ele criou a Hierarquia de Maslow. Ela argumenta que para que as pessoas aprendam, é necessário que algumas necessidades básicas sejam atendidas, como por exemplo: bom ambiente físico e alimentação durante o horário de trabalho. A isso Maslow chamou de necessidades psicológicas. Entretanto, somente nessas condições não há aprendizado, pois o ambiente também precisa ser seguro, a quais ele chamou de necessidades de segurança. Há outros elementos desta hierarquia mas para o propósito desta parte do livro, quero ficar somente na questão de segurança.

Comecei este livro durante a Primavera Árabe, quando sites de mídias sociais como Twitter e Facebook provocavam mudanças e protestos em massa no Egito. Só que é pouco mencionado as mesmas mídias sociais também podem ser utilizadas para rastrear e reprimir os protestos. C Voice of America noticiou, por exemplo, que o governo do Bahrein está usando o Facebook para encontrar e prender os manifestantes.

“No Egito, as demandas dos moradores do Bahrein não foram atendidas. O governo sunita, com apoio militar, reprimiu as revoltas e, posteriormente, acessando os meios de comunicação, foi identificar e punir cada um dos manifestantes”

Autoridades do governo iraniano, junto da CIA e do Departamento de Polícia de San Francisco, monitoram as mídias sociais para identificar potenciais manifestações e impedi-las antes de iniciarem. Sites como Google e Twitter estão ajustando suas políticas de uso para que sejam mais flexíveis com as atividades do governo. Por causa disso, em pouco tempo iremos ver nossa última manifestação organizada no Facebook.

Segurança física

A segurança pode ter diferentes vieses: os dois que as bibliotecas mais se preocupam é o da segurança física e o da segurança intelectual. Bibliotecas públicas muitas vezes são citadas con

para os cidadãos da Filadélfia que, quando o prefeito tentou fechar 11 bibliotecas, a própria comunidade acionou a justiça impedindo o ato.

Esta ideia de proporcionar segurança física não se limita a bibliotecas públicas. Bibliotecas escolares muitas vezes tornam-se paraísos para crianças que tem dificuldade em se inserir em um grupo. Já para graduandos, as bibliotecas universitárias são lugares excelentes para estudar até tarde da noite. Como Maslow comentou, o ambiente físico realmente importa. Devemos esperar mais do que um guarda nas portas de nossas bibliotecas? Esta questão foi levantada pela Biblioteca Central da Filadélfia.

A Biblioteca Pública Central de Filadélfia passou por um problema com moradores de rua. Toda manhã, antes da biblioteca abrir, eles se reuniam em um parque que há em frente ao grande prédio Beau-Arts. Quando as portas da biblioteca se abriam, eles rapidamente iam até os banheiros e depois encontrar um lugar para descansar confortavelmente. A situação ficou tão delicada, chegando ao ponto de um dos conselheiros da Biblioteca reclamar das condições dos banheiros.

Para chegar a uma solução, os bibliotecários foram atrás de aconselhamento com outras bibliotecas, para ver como cada um se defrontava com a situação. Muitos deles afirmavam que modificaram suas políticas, para minimizar um pouco do problema. Os bibliotecários de Filadélfia pensaram diferente.

A primeira coisa que eles fizeram foi conversar com moradores de rua que os banheiros devem sempre ser mantidos limpos. Depois, a biblioteca abriu uma cafeteria, que foi esforço comum de toda a comunidade local. Teve financiamento do Bank of America e os equipamentos foram doados pela Starbucks. As comidas vieram de uma cafeteria vizinha. A gestão deste espaço ficou a cargo dos próprios moradores de rua, que passaram por uma capacitação e treinamento constantes.

É isso que acontece quando a comunidade e os bibliotecários acreditam mais em si mesmos. Eles olharam para os moradores não como um problema, mas como indivíduos que poderiam trazer alguma mudança e que precisam de alfabetização, precisam de sustento e de uma vida digna.

Nós retornaremos no Capítulo 6 a questão do prédio físico da biblioteca e como ele pode, além de ser seguro, um espaço para inspirar os indivíduos. Por ora, vamos checar o outro viés de segurança.

Segurança Intelectual

Durante séculos as bibliotecas são campeãs em segurança intelectual. Bibliotecários perceberam que, assim como as pessoas precisam se sentir seguras dentro de um local, elas também querem estar seguras intelectualmente.

caso judicial da Biblioteca Connection contra Gonzales. Com o Ato Patriota, aprovado após os ataques terroristas de 11 de setembro, o governo dos Estados Unidos poderia ter acesso a todos os registros pessoais nas bibliotecas e outras empresas para finalidade investigativa. Isso não é novo, pois o FBI tem esta garantia de acesso. Acontece que agora o FBI já não tem mais necessidade de solicitar autorização ao Supremo Tribunal para ter este acesso, basta que emita chamadas Cartas de Segurança Nacional por conta própria.

Muitos dos bibliotecários não gostaram destas disposições impostas pelo Ato Patriota, pois por muitos anos sempre prezaram pela privacidade de seus usuários. Em outras palavras, se as pessoas que vão às bibliotecas acharem que aquilo que leem ou as páginas que navegam pela Internet estão sendo monitoradas pelos bibliotecários, eles se intimidam automaticamente. Os bibliotecários afirmam que para ter a melhor forma de construir conhecimento é ofertando diferentes fontes de informação. Para acessar estas fontes, a questão da segurança intelectual não diz respeito somente a informações seguras, mas sim se os interagentes sentem-se seguros para desenvolver suas ideias.

Com o Ato Patriota, os bibliotecários já não conseguem mais garantir este tipo de segurança. Em 2004, um grupo de bibliotecários de Connecticut sentiu que as coisas tinham ido longe demais quanto as liberdades civis e policiais e decidiram fazer alguma coisa: não aceitaram a Carta de Segurança Nacional, mesmo sabendo que poderiam ser presos por isso. Aparentemente os tribunais, incluindo a Suprema Corte, concordaram com a opinião dos bibliotecários e invalidaram a Carta.

Não quis contar esta história como um caso moral contra o Ato Patriota, mas sim mostrar que as bibliotecas: 1. mantem (ou ao menos deveria manter) a segurança intelectual e 2. conseguir manter isso dentro dos parâmetros estabelecidos pela comunidade. Os bibliotecários não deixaram que pessoas sob investigação só fossem ter conhecimento da Carta de Segurança Nacional de maneira informal. Eles não ignoraram a lei, muito pelo contrário, foram atrás dos tribunais para garantir a privacidade, a liberdade civil e a liberdade de expressão.

Embora eu não acredite muito que os bibliotecários se arrisquem para garantir plenamente todos esses direitos constitucionais, é importante que as bibliotecas ofereçam este tipo de apoio, inclusive fora de suas paredes. Por exemplo, muitas bibliotecas buscam manter privado o que você faz: apagando históricos de navegação na Internet, limpeza de registros de circulação. Elas fazem isso de maneira exemplar, mas será que os bibliotecários te avisam que mesmo você utilizando uma navegação anônima na Internet para acessar o Facebook, ainda assim está sendo monitorado (não pela biblioteca, mas pelo Facebook)?

Atualmente, os problemas com privacidade não vêm de um único Grande Irmão (o governo), ma:

gasto milhões e milhões de dólares para vigiar o que você está lendo, clicando, onde está e inclusive quais riscos você pode representar.

Alexis Madrigal escreveu sobre isso no National Journal:

“Não há nada necessariamente de sinistro nestes bancos de dados subterrâneos: antes de tudo eles são o ecossistema da publicidade que suporta todo o conteúdo online. Os dados armazenados é que fazem com que os anunciantes ajustem suas publicidades para que funcionem de maneira mais efetiva. E não falo somente do The New York Times, vi isso no Huffington Post, no The Atlantic e no Business Insider. Cada movimento que você faça na Internet pode ter valor para alguém, as empresas querem ter certeza de que cada passo será monetizado.”

Se as bibliotecas se dedicam a prover o acesso à informação, capacitando as pessoas, é também necessário que elas notifiquem sobre estas ameaças à privacidade? As bibliotecas não poderiam representar a voz da comunidade pública em discussões sobre estas questões? Acreditar mais bibliotecas significa também que as pessoas tenham noção sobre estas ameaças com suporte às bibliotecas.

No Capítulo 6 veremos a importância das bibliotecas em ser pró-ativa nos problemas de segurança e liberdade intelectual. Agora, veremos sobre a última forma de facilitação – que tem tudo a ver com você.

Trabalhando na motivação para aprender

Para falar sobre motivação, preciso retornar à Biblioteca Livre de Fayetteville. Enquanto estavam ocupados com a impressão de um robô e um anel na impressora 3D, a bibliotecária Lauren, mencionou que seria lançada uma casa aberta para o Fab Lab que incluiria uma impressora 3D que fazia bijuterias e procurava alguém que fizesse outros materiais com fita adesiva. Riley, meu filho com 11 anos, disse, “Eu sei fazer coisas com fita adesiva” e logo em seguida mostrou algumas fotos de suas criações no telefone.

“Excelente”, disse Lauren. “Não quer ensinar a fazer?” e logo Riley disse sim.

Isso teve um grande impacto também na vida de Andrew, pois na semana seguinte ele já veio empolgado dizendo que tinha uma grande ideia para a feira de ciências daquele ano: “Eu estou criando o desenho da biblioteca do futuro!”, declarou. Em apenas 10 minutos ele já tinha o rascunho no papel do que queria fazer.

Vinte minutos depois, Andrew e Riley foram construir a biblioteca no Minecraft, um jogo famoso semelhante a Second Life e SimCity. Eles poderiam ter feito isso com Lego também, mas eles



Figura 6 – Biblioteca do futuro no Minecraft desenhada por Andrew e Riley Lankes

No sábado seguinte, voltamos à Biblioteca de Fayetteville com a biblioteca do Minecraft num CD a imprimimos.



Figura 7 – Andrew segura seu modelo de biblioteca do futuro elaborado no Minecraft e impresso com uma impressora 3D.

Provavelmente agora você pensará que falarei sobre o poder dos Millennials ou dos Fab Labs, r para mim não é isso que importa nessa história. O que se destaca para mim é a motivação de meus filhos que foi incentivada pela bibliotecária. Claro que a impressão 3D é uma coisa legal, r não foi isso que chamou a atenção de Riley, mas sim o modo como Lauren tratou da sua capacidade em trabalhar com fita adesiva e a “recompensa” em ter seu trabalho exposto na biblioteca duas semanas mais tarde, quando voltou à biblioteca.

aprendizado, serviços e outras atividades que a biblioteca promova serão em vão.

Há várias maneiras que as bibliotecas podem inspirar os membros de sua comunidade e construir sua motivação para aprender, criar conhecimento e, ultimamente, melhorar a sociedade. A mais significativa delas é ceder algum controle e autoridade sobre a biblioteca para a própria comunidade. Isto vai além de uma simples comissão ou conselho. É também mais do que falar com os indivíduos que pagam seus impostos e por isso podem exigir melhores produtos e serviços, significando permitir ser coproprietários.

O poder da copropriedade é praticamente ainda muito limitado às bibliotecas. Enquanto meus filhos estavam trabalhando em seus projetos, o corpo docente da universidade em que estou foi à procura de novos modelos de ensino. Uma que é frequentemente discutida é a “inversão da sala de aula” onde os estudantes fazem seus trabalhos domésticos na escola e os da escola em casa. Entretanto, no meio da discussão me veio à mente o trabalho com a impressora 3D.

Enquanto estamos aqui sentados e debatendo quando nós entregaremos nossas leituras ou que tempo isso levará para acontecer, em quais meios será transmitida, mas na verdade isso já está acontecendo. Os professores já estão perdendo o controle de acompanhar isso, não basta mais entregar algo para que os alunos leiam, é necessário que todos parem, sentem e pensem juntos sobre o que leem, pois a informação é muito dinâmica.

Este último ponto é crucial e não significa simplesmente dar o controle da aula para os alunos, deixá-los que aprendam sozinhos. Há um bom valor nos professores e pesquisadores que os alunos precisam perceber, eles têm o dom de guiar e isso precisa ser valorizado e é por isso que há anos este modelo universitário vem funcionando tão bem.

O mesmo acontece com nossas bibliotecas. O conceito de Maker Space que a Biblioteca de Fayetteville vem desenvolvendo não se preocupa somente em estudar alguma coisa, mas sim a criar, e para que isso ocorra, é necessário que pais, filhos, bibliotecários, peritos técnicos e professores estejam em sintonia. A criança que for trabalhar neste espaço precisa ser vista com uma criadora e não consumidora de informação, caso contrário, o Maker Space não irá funcionar. Ela não precisa criar algo na mesma qualidade de um brinquedo da Lego (e nem conseguirá) ou ser desafiado para isto. É importante que ela compreenda o processo, como é descobrir e criar algo novo.

Sei que teríamos longas discussões a respeito do processo de ensino e de aprendizagem e que talvez aqui eu esteja minimizando-as, indo muito direto ao ponto, de maneira muito simples. Mas exatamente isso que precisamos fazer! Há uma quantidade enorme de ego que ronda estes assuntos e acabam por não discutir e conversar, há muito mais discussões teóricas que práticas

5. Melhorar a sociedade: acredite!

Deixe-me ser bem claro: falar sobre bibliotecas melhorando a sociedade não significa que o bibliotecário sairá às ruas cheio de cartazes explicando como se manuseia um livro ou que uma obra clássica é melhor leitura que um best-seller. Longe disso! Mas é bom começar este capítulo desta maneira, pois creiam, meus amigos, ainda há bibliotecários que pensam assim.

Esta suspeita não é injustificada. Por grande período da História, as bibliotecas foram (e continuando) vistas como instituições elitistas, promovendo uma literatura “correta”. Esta literatura era aprovada por brancos, homens e proprietários de terra.

Este elitismo continua a aparecer de algumas maneiras inesperadas. Há muitos discursos de que as bibliotecas são locais de autoridade que coletam apenas recursos de alta qualidade, sendo que esta “alta qualidade” normalmente vem sendo definida pela reputação de um editor que vende alguma coisa para a biblioteca. Esta é a percepção de alguns professores, pais e empresários. Quer informação de qualidade, vá à biblioteca. A biblioteca é (ou deveria ser) um local para encontrar recursos de informação de qualidade, mas para cumprir a sua missão ela não pode somente fazer isso. Há dois problemas em apenas constituir um acervo de bons recursos: universalidade e “inverdade”.

Já falei um pouco sobre universalidade. Será que tudo que é universal tem uma excelente qualidade? Quando o Presidente dos Estados Unidos afirma alguma coisa automaticamente isto torna informação de alta qualidade? Pergunte a alguém de outro partido ou ao Presidente do Irã saberá da resposta. Deveríamos na verdade pensar em processos ou procedimentos de qualidade que são universalmente reconhecidos. Na ciência, ao invés de falar sobre verdade ou qualidade falamos sobre revisão por pares, o que é uma excelente abordagem e que a defendo. Qualidade semelhante a pornografia... você só sabe que tem quando você a vê.

Há um segundo problema em assumir a biblioteca como um centro de alta informação: há poucos lugares no planeta com uma grande concentração de mentiras e inverdades do que uma boa biblioteca universitária. Por quê? Porque é necessário ter informação ruim para produzir um bom conhecimento. Sei que isso mais parece um oxímoro, mas continuemos a refletir. Se você estudou evolucionismo, é bem provável que terá de ler sobre criacionismo somente para refutá-lo. Se você quiser avançar cientificamente, é bem provável que tenha de refutar teorias anteriormente realizadas. A História coleciona diversos racistas e biografias distorcidas. Textos de Educação falam sobre como lidar com o “retardado” e nos de Psicologia ainda podemos encontrar textos sobre “mulheres históricas”. Todas estas informações são extremamente importantes para o progresso do conhecimento universal mesmo que com este tom mais negativo.

Alguns anos atrás, a Fundação MacArthur financiou uma pesquisa sobre credibilidade e juventude. Alguns autores (inclusive eu) chegaram à mesma conclusão: as escolas públicas do sistema K-12 são potencialmente os piores lugares para ensinar as crianças a encontrar informações com credibilidade na Internet. Por quê? Os professores e bibliotecários escolares mostram às crianças boas informações, mas quando se trata de exemplos negativos, elas acabam encontrando-as sozinhas, em seus quartos, em casa, totalmente sem supervisão ao navegar na Internet.

Não falo aqui de pornografia, mas de sites como MartinLutherKing.org. Não há nenhum erro de digitação. O site realmente existe e é construído e administrado por Stormfront, um grupo de supremacia branca. Obviamente que você não é obrigado a saber disso, mas basta usar a barra de rolagem no site para checar esta informação. Nas escolas provavelmente os professores indicam isso, mas e em casa? Os professores e bibliotecários não podem ir abrindo site por site para mostrar aos alunos como grupos racistas podem usar a Internet para manipular os jovens que desconhecem como avaliar uma fonte de informação.

Vou confundir a sua mente agora um pouco: o site de Stormfront é um site de alta qualidade. Estou me contradizendo? Não! Se um repórter estiver à procura de um bom exemplo de como a informação pode ser manipulada na internet de maneira racista, então este site é excelente! Portanto, sempre que formos falar de qualidade, é necessário considerarmos o contexto.

Em última análise, o que constitui a melhoria da sociedade é o local em que a biblioteca está. Todas as suas tradicionais atividades devem estar alinhadas com os objetivos da comunidade.

Esperando mais que tortas e prostitutas

Em Ann Arbor, no Michigan, os bibliotecários têm um espaço de sugestões em seus sites. Eles pediram ajuda de seus interagentes para construir uma biblioteca melhor. Um dos meus comentários favoritos é (estou parafraseando aqui): “quero mais tortas e prostitutas”. Bem provável que fosse uma brincadeira, mas este tipo de resposta levanta um contraponto importante: vai com todo um intuito de uma melhoria que só um bibliotecário autoritário vislumbra.

Durante todo este livro, venho falando sobre acreditar mais em nossas bibliotecas, mas por um momento acho necessário falar sobre como nossos bibliotecários precisam acreditar mais em si mesmos, ver que cada membro de sua comunidade está esperando o que você pode fazer por ele. É preciso encará-lo como um parceiro, como um membro, e não como usuário, cliente ou outros termos sinônimos.

Esta é uma ideia que eu devo a Joan Frye Williams, bibliotecário e consultor de tecnologia da informação para bibliotecas. Ao trabalhar com várias bibliotecas públicas com o intuito de desenvolver planos estratégicos, veio a questão de qual termo usar para as pessoas que utilizar

“membro”, visto que “eu tenho um cartão da biblioteca e pago meus impostos e taxas”. Eu gosto deste termo, pois ele traz uma conotação de co-propriedade, um membro não utiliza somente o que a instituição oferece, ele participa, ele cria, ele tem sua opinião ouvida. Em essência, eles fazem parte da organização. Você precisa acreditar que faz parte da biblioteca, precisa estar envolvido nas discussões que tratam da melhoria da sociedade e como a biblioteca pode colaborar com isso.

Entretanto, é importante ir além das conversas, pois você pode compreender sozinho o que sua comunidade está precisando. Bibliotecários são ótimos em solucionar problemas, eles simplesmente os amam, adoram o desafio que uma boa pergunta no serviço de referência pode trazer, gostam de pesquisar e ir atrás da informação certa. A profissão nasceu para servir justamente por conta das necessidades de uma comunidade. Estas necessidades são grandes por isso que o trabalho é importante.

Não devemos esquecer que nossas comunidades têm suas próprias aspirações e sonhos. Embora a diversidade limite um pouco para que se chegue a uma visão em comum, nós sabemos que isso é possível. A biblioteca pode e deve trazer vizinhos, alunos, pais, professores e todos os cidadãos para um espaço público, para que juntos possam sonhar.

Um grande sonho tem o poder de mover nações. Um grande sonho transcende diferenças, problemas e desafios. Ele nos tira da rotina e do peso do cotidiano. Um sonho tem a habilidade de nos motivar para melhorar a sociedade. É para eles que devemos desenhar nossos produtos e serviços nas bibliotecas.

Da comunidade

Você deve esperar que uma biblioteca faça mais do que ter um sonho e o torne realidade. Grandes bibliotecas ajudam a moldar uma visão de mundo. Note que eu uso muito a palavra “conversa” ao longo do livro. Faço de uma maneira intencional, para mostrar como as comunidades procuram melhorar a si mesmas e à sociedade de maneira geral.

Conversar pode parecer simples, mas nem tanto. Envolve no mínimo duas partes com o uso de linguagem e o mais importante: ouvir e falar. Uma conversa é uma troca de ideias onde ambas as partes acabam sendo moldadas pelo assunto e moldando inclusive outros assuntos. Mas sem estarem dispostas para ouvir uma à outra, as conversas acabam rapidamente se tornando monólogos e se esvaem.

Quando falamos sobre como melhorar nossas comunidades e qual o papel da biblioteca nesta missão, devemos crer que nossas bibliotecas se moldem para as necessidades e vice-versa. E isso não é uma ação revolucionária, muito pelo contrário. Durante décadas passamos a ouvir sobre abordagens voltadas a clientes. Na tecnologia, por exemplo, falamos sobre experiência do usuário.

biblioteca, devemos pensar como membros, que moldam a biblioteca.

Isto significa que também podemos acreditar que as bibliotecas possam moldar os diálogos para um amanhã melhor, desde que passem a atuar como sendo “da comunidade” e não “para a comunidade”. Os serviços devem ser planejados para que atendam às necessidades da comunidade, que não sejam genéricos. É importante que as coleções da biblioteca sejam também sobre o conhecimento dos indivíduos locais, pois desta forma poderão servir como alavancas para a visão de um futuro melhor, além de ajudar a montar uma estratégia de como alcançar essa visão.

Veja este exemplo simples: e-books. Algo muito interessante está acontecendo na migração do livro do papel para os bits. A maioria das pessoas ao buscar um leitor de livro eletrônico, se concentra em um conjunto de algumas funcionalidades (iluminação, compartilhar alguns trechos, sincronizar com vários dispositivos) e até mesmo no próprio aparelho (se é um tablet, um eInk). Estes elementos são mudanças bastante grandes em relação ao nosso tradicional relacionamento com livros, mas há ainda um outro que acabamos por esquecer em algum momento: a relação de editores e a venda destes livros digitais.

Sei que a leitura de contratos de modalidades de empréstimos de livros eletrônicos não é muito agradável e alguns até apresentam alguns termos e práticas que estamos todos (bibliotecários, alunos, professores, editores) aprendendo. Mesmo que você ache que esteja comprando um livro para o seu dispositivo, não é bem exatamente isso que acontece. Na verdade, você está pagando por uma licença de uso deste livro. E qual seria a diferença? Quanto você compra algo, você tem direito sobre aquele produto. Se você compra um livro físico, você pode emprestá-lo a um amigo até mesmo vendê-lo depois. São práticas totalmente legais. Entretanto, o mesmo não acontece com o livro eletrônico. Por quê? Porque você não é proprietário de um “objeto”.

Quando você adquiriu um novo leitor eletrônico, bem provável que você tenha clicado em um campo “Aceito os termos de uso”, algo que aparece sempre que criamos uma nova conta em ambiente digital. Se você for como a maioria dos usuários, provavelmente você nunca leu estes termos. Observe que este tipo de ação não acontece quando estamos em uma loja física. Já para o livro eletrônico, este acordo acaba por se caracterizar como uma licença de uso, que vai dizer o que você pode e o que não pode fazer com a cópia digital que você acabou de adquirir.

Em julho de 2009, dois anos após o lançamento do primeiro Kindle da Amazon, muitas pessoas compraram uma cópia de *1984*, de George Orwell. Entretanto, a Amazon não tinha o direito para vendê-lo e por isso teve que apagar de todos os Kindles as cópias que foram compradas e reembolsar os seus clientes.

A Amazon estava no direito de apagar estas cópias? Com certeza, pois os proprietários desses

livro nas condições que a empresa tinha criado.

O que isso tem a ver sobre a missão das bibliotecas em melhorar a sociedade? Há uma crescente demanda por livros eletrônicos por parte dos membros da biblioteca e os editores estão ficando cada vez mais preocupados sobre como assumirão a liderança nas vendas. Agora, imagine se você pudesse ir com seu dispositivo de leitura até à biblioteca e pudesse baixar livros gratuitamente. Você nunca mais iria comprar outro livro? Ao invés dos editores venderem cópias mais cópias de livros, eles seriam somente vendidos às bibliotecas e isso seria um “problema” para eles. A maioria dos editores não está concordando em licenciar todos os e-books para as bibliotecas.

O que alguns editores estão concordando em trabalhar é restringir o número de vezes que a biblioteca pode “emprestar” um livro digital, por exemplo, se um título da Harper Collins foi emprestado 25 vezes, a biblioteca precisará licenciar uma nova cópia. A Random House teve uma abordagem mais simples e direta: aumentou em 300% o preço das licenças para bibliotecas. No mundo físico, quando chega um novo livro no mercado, o bibliotecário simplesmente vai até a livraria, compra, cataloga e o coloca na estante, pronto para emprestá-lo. Já no mundo digital, um livro de 40 reais sai para a biblioteca com o valor de 60 reais. E é bom lembrar que são estes os editores a negociar com as bibliotecas. Por conta disso, muitos bibliotecários começaram a questionar o quão válido e interessante é este mercado para sua comunidade. Alguns deles, inclusive, chegaram a boicotar os livros eletrônicos.

Por que trago esta história tão longa a respeito dos livros eletrônicos? Porque não há dúvidas que nossas comunidades querem esta informação, neste suporte, em suas bibliotecas. Entretanto, se sua biblioteca faz o melhor que pode para atender essa demanda, duas coisas podem acontecer: a primeira é que a comunidade poderá não ficar tão satisfeita com a seleção dos livros que você fez. Muitos livros poderão não estar disponíveis na biblioteca porque os editores não vão licenciá-los. A segunda coisa que pode acontecer é que a biblioteca tenha um alto custo com licenciamento e tenha de diminuir os recursos financeiros de outros serviços que já existiam.

Já tenho uma opinião formada sobre determinado assunto e não julgo que as companhias e indústrias tenham que garantir as suas vendas. Um grande número de instituições, incluindo bibliotecas, editoras, agências de viagens, consultórios médicos, produtoras de filmes e fabricantes de jogos estão num grande desafio de se posicionarem perante os novos modelos de negócios. Os bibliotecários precisam estar cientes e preparados para isso.

Tal como acontece com o serviço Freegal, que eu mencionei no capítulo 2, nossa comunidade gostaria que os livros eletrônicos sumissem de repente? Como a comunidade poderia se manifestar perante isso? Se você não está satisfeito com a ideia de que Amazon, Apple ou Barr

biblioteca promovesse algum serviço que explicasse melhor como funcionam os livros eletrônico ajudando a diminuir dúvidas e inclusive a promover a leitura?

O mesmo argumento agora está em voga no ambiente das bibliotecas universitárias sobre a publicação acadêmica. No Capítulo 2 falei sobre os altos custos de licenciamento envolvendo as bases de dados (licenciamento, não compra!). Muitas universidades estão se incomodando com fato de que o governo financia os estudos de um pesquisador e este, para poder publicar os resultados de sua pesquisa, precisa pagar a uma editora o artigo para que este seja publicado. acesso, posteriormente, novamente precisará ser pago por bibliotecas para que outras pessoas possam ler e desenvolver outras pesquisas.

Isso tem levado um número cada vez mais crescente de pesquisadores e bibliotecários a busca modelos alternativos de publicação, como o acesso aberto, onde os artigos ficam livremente na web. Qualquer associação ou universidade pode criar a sua própria revista, administrá-la e garantir o acesso.

O que a comunidade de sua biblioteca deveria saber a respeito de acesso aberto? Algumas grandes universidades, como Harvard e a da Carolina do Norte, trouxeram algumas políticas de todas as publicações devem ser em acesso aberto (com algumas raras exceções). É papel da biblioteca apresentar à sua comunidade debates e ideias sobre acesso aberto, abordando quais riscos e benefícios. Não basta somente que a biblioteca crie uma política e a aplique, é necessário ter diálogo entre todos os interessados e envolvidos.

Jardins murados

Os livros eletrônicos também levantam a questão do papel do bibliotecário como educador e indivíduo que pode organizar uma comunidade: os chamados jardins murados. O termo remete a sistemas que são proprietários da entrega de conteúdo, como por exemplo a App Store, da Apple. É somente através dela que você consegue adicionar um aplicativo ao seu iPad ou iPhone, portanto, a Apple tem quase que o controle total do conteúdo (aplicativos) que você pode acessar nestes dispositivos.

Este conceito de jardim murado tem se estendido também para o conteúdo propriamente dito, como é o caso da compra de livros para o seu Kindle via a loja da Amazon. Nas livrarias físicas obviamente isso não acontece, você é livre para visitar diferentes livrarias até encontrar o que quer e como quer adquirir. Por mais que o serviço prestado pela Amazon seja bastante funcional e completo, você ainda está num jardim murado, as paredes estão lá, firmes e fortes.

Mesmo eu tendo passado boa parte deste capítulo falando de livros físicos e digitais, ressalto: precisamos esperar mais de nossas bibliotecas do que apenas livros. Mas será que este conce

comunidades? Óbvio!!

Há uma porcentagem maior do que 50% de quem se usa a Internet, bem provável que esteja usando uma mídia social e que esta mídia seja o Facebook. O Facebook também é um jardim murado, e num sentido inverso. Você já se perguntou por que você não paga para ter seu perfil no Facebook? Porque lá dentro o produto é você. Ao contrário da Apple ou Amazon, que controlam aquilo que você pode consumir do jardim, com o Facebook isso não existe.

Tudo o que você lê e escreve, as fotos que você publica, curte e comenta, tudo é propriedade do Facebook e informação valiosa que é vendida para anunciantes (lembra-se do monitoramento feito pelo governo para prever possíveis manifestantes pelas mídias sociais?). Agora, para a maioria de nós, incluindo eu mesmo, deixar o Facebook seria um investimento para a nossa privacidade, entretanto, o grande problema é que muitas pessoas não sabem o que acontece nas entrelinhas e chega até a ficar irritado com qualquer mudança que o Facebook venha a fazer no site. É bom lembrar que ainda que elas deixem esta mídia social, ela continua a manter seus dados pessoais.

Grandes Desafios

Agora voltemos a falar sobre o que devemos esperar dos bibliotecários para melhorar a sociedade. Há alguns aspectos que compõem os sonhos de uma comunidade: econômico, espiritual, recreativo, acadêmico e assim por diante. Quais aspectos devem ser levados com mais consideração pelas bibliotecas? Ao invés de falarmos em aspectos, penso que seja melhor adotarmos Grandes Desafios.

Um Grande Desafio pode ser interpretado como um problema, que precisa de uma solução que seja fundamental, com grandes implicações e uma grande variedade de abordagens. Pode-se dizer que seja uma meta definida por uma comunidade que visa trazer resultados, estratégias, soluções e avanços. Um Grande Desafio também serve como um convite para universidades, governos, indústrias ou quaisquer outras instituições, de diferentes áreas, que juntas podem solucionar este desafio. Um excelente exemplo pode ser visto na Biologia com o mapeamento do genoma humano.

Com início em 1990, cientistas de diversas partes do mundo se reuniram com o objetivo de mapear o código genético humano, algo em torno de 20 mil a 25 mil genes. Os parceiros de universidades, do governo e de indústrias privadas acreditavam que com isso poderiam descobrir tratamentos para algumas doenças, compreender melhor a evolução humana e ainda expandir os recursos para medicamentos, médicos e pesquisadores. Durante 13 anos, novas tecnologias foram desenvolvidas para ajudar a compreender estes genes humanos. A partir daí, Biologia, Medicina, Farmacologia, Criminologia e outras áreas deixaram de ser as mesmas.

Há desafios semelhantes ao do DNA que possam ser ambientados nas bibliotecas? Quais são

Para tentar responder a esta pergunta, um grupo de bibliotecários de Dallas, no Texas, se reuniu em abril de 2011 para debater uma série de temas que envolviam a infraestrutura do conhecimento.

A infraestrutura do conhecimento é uma mistura rica de pessoas, tecnologias, fontes e ações. Como o DNA, ela é essencial para o nosso cotidiano e também como o DNA, você não chegou a pensar em quanto importante ela é. Há algumas partes óbvias desta infraestrutura, como o seu celular. Muito mais que 50% dos adultos nos Estados Unidos possuem um, que serve para navegar na web e atualizar redes sociais como Facebook e Twitter. Há também outras partes desta infraestrutura, como as redes digitais que fornecem texto, filme ou música.

Algumas destas partes estão cada vez mais sendo conscientizadas sobre leis que acabam por afetar a infraestrutura como um todo. Atualmente, quando ouvimos falar de piratas, podemos ser tanto remetidos para os da Somália como para os adolescentes baixando o último filme do Cap América via BitTorrent. Há um grande debate em torno disso, sobre quem é o dono deste conteúdo e o que deve ser feito quando pirateado. Isso influencia a nossa infraestrutura de conhecimento.

Alguns veem como infraestrutura do conhecimento o conteúdo online da educação a distância. Outros veem a própria Internet. Outros ainda pensam nos repositórios, nas bibliotecas e nos museus.

No entanto, pelo menos nos Estados Unidos, esta infraestrutura extrapola os “espaços normais” pode chegar no carro que você dirige até o trabalho e que muito provavelmente terá um computador de bordo que monitora sinais sem fio para destravamento automático, regular o combustível ou até desligar o carro em caso de roubo, impedindo-o de se locomover.

Além deste carro inteligente, se você estiver numa grande cidade, é bem provável que as estradas também sejam inteligentes. Sensores no asfalto podem calcular quantos carros circulam diariamente, identificando os horários de maior fluxo, controlando semáforos e evitando congestionamentos.

Estima-se que em poucos anos cada milha de estrada irá gerar um 1 gigabyte de dados por dia. Como há quase 4 milhões de milhas nos Estados Unidos, seriam gerados 28 exabytes por ano. Um exabyte equivale a 10x10x10x10 megabytes. Se 5 exabytes podem armazenar todas as palavras jamais foram ditas por seres humanos, então 28 exabytes nem nossos mais singelos sonhos poderiam calcular.

Saber que todos estes dados são coletados diariamente, é um tanto apavorante, pois não conseguimos ter uma noção tão clara destes números. Charles Duhigg é um repórter investigativo no New York Times e escreveu o livro “O poder do hábito: por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios” (já com tradução no Brasil). Ele nos conta como todos estes dados podem ser

de uma mulher para a varejista Target, por exemplo.

A gravidez é uma grande transformação na vida de qualquer mulher e a Target quer se aproveitar disso para que ela compre determinados produtos de suas lojas. A Target usa os dados que tem sobre seus clientes (Quais promoções temos que enviar? Estas promoções têm se revertido em compras?) para entregar promoções mais pontuais ainda conforme a necessidade dela. Em recente entrevista, Duhigg explicou com mais detalhes sobre como funciona este trabalho da Target.

Um dos analistas da empresa descobriu que de repente várias mulheres começaram a comprar loção sem aroma para grávidas. A partir disso, eles foram analisando o que mais estas mulheres começavam a comprar, prevendo o sexo do bebê e já começando a montar um registro da vida desta criança.

Se uma cliente começa a comprar loção sem aroma, depois parte para vitaminas como zinco e magnésio, então isso significa que ela provavelmente esteja grávida. Ao passar do tempo a mesma cliente começa a ir comprando outros produtos afins deste período. Todos estes dados acabam por ser utilizados para informação estratégica em vendas.

Com 25 produtos, num período de duas semanas, o analista consegue descobrir há quanto tempo a cliente está grávida. Assim, mesmo que esta cliente nunca tenha preenchido algum formulário ou manifestado que estivesse grávida (às vezes nem seus próprios pais sabem), a Target, conforme seus padrões de compras, pode não somente saber que a cliente esteja grávida, mas também uma data provável de quando o bebê irá nascer e assim lhe enviar por e-mail promoções específicas de produtos para recém-nascidos.

Se a Target consegue ser tão precisa, o que você bibliotecário pode fazer com tanta informação?

Agora, aqui está o impasse sobre nossa atual infraestrutura de conhecimento: ela está quebrada. Pode não parecer, já que nossos dispositivos continuam funcionando, os semáforos continuam controlando o trânsito e a Target continua a ganhar dinheiro.

Para começar, esta atual infraestrutura é um tanto descoordenada e muitas vezes conflituosa. Há poucas políticas que façam com que o conjunto dos investimentos públicos e privados sejam melhorados. Além disso, esta infraestrutura ainda se limita a uma visão muito simplista focada em consumo e produção. Face a isso, existem organizações que produzem conteúdo (livros, filmes, músicas, etc) e os consumidores que o compram. O problema é que este modelo não faz mais sentido. Já que agora todos nós somos produtores e consumidores ao mesmo tempo.

Veja o YouTube, onde você pode assistir a vídeos de gatos ou mesmo submeter o seu próprio vídeo. Agora, observe a conexão de Internet que você utiliza para poder acessar o YouTube. Há a grande probabilidade de você visualizar uma linha assimétrica, que significa que você pode fazer download de conteúdo muito mais rápido do que carregar. Em 10 segundos você faz um download, mas para subir você leva 10 minutos. Por quê? Porque as conexões no mercado pressupõem que você irá consumir muito mais conteúdo do que produzi-lo.

Isto não acontece somente no âmbito tecnológico, mas em todos os aspectos da infraestrutura de conhecimento. Vá à biblioteca, pegue um livro. Simples, certo? Agora vá à biblioteca e tente colocar nas estantes um livro que você escreveu. Vá ao colégio e tenha uma aula. Agora tente dar uma aula. Consegue perceber algumas barreiras?

Onde é mais fácil colocar informações do que somente consumi-las? Onde o conhecimento pode ser facilmente monetizado, como no Facebook, onde você não paga nenhuma taxa para utilizar, mas quem acaba sendo o produto é você.

A razão pela qual precisamos de uma infraestrutura muito mais participativa não é por conta de uma visão utópica de igualdade. Pense, na verdade, mais como um investimento e oportunidade para o empreendedorismo e inovação.

Na área rural de New England, havia um homem que amava motos de neve. Durante toda a sua vida ele colecionou estas motos e várias peças deste transporte. Amava-os tanto que ao se aposentar seu celeiro estava repleto de motos e peças. Certo dia, seu neto, de férias da faculdade, chegou com uma câmera e um computador no celeiro. Em uma semana, ele conseguiu inventariar toda a coleção, colocando-a disponível na internet. Rapidamente ele conseguiu transformar o celeiro em um centro de distribuição de peças raras para o mundo todo.

Sem uma abordagem de participação em nossas infraestruturas de conhecimento, estes atos inesperados de empreendedorismo tornam-se mais difíceis. Se aplica também aos “jardins murados” que comentei anteriormente. Sem esta liberdade, sem esta participação, nossas infraestruturas continuarão a ser falhas.

Minha biblioteca consegue atender grandes desafios?

As bibliotecas têm um papel fundamental, historicamente, nesta infraestrutura do conhecimento. Nos Estados Unidos, 99,3% das bibliotecas públicas oferecem acesso gratuito à Internet e 64,5% de relatam que são os únicos espaços com internet livre dentro de suas comunidades. Além disso, governos municipais, estaduais e federais estão se atribuindo da Internet como um espaço para fazer negócios e as bibliotecas estão sendo chamadas para fornecer acesso e apoio ao público. Onde antes havia um setor dentro do governo responsável por este apoio, agora a biblioteca

As bibliotecas também desenvolvem outros papéis fundamentais nesta infraestrutura do conhecimento. O Escritório de Direitos Autorais dos Estados Unidos, dentro da Biblioteca do Congresso, além de registrar as obras intelectuais, também institui políticas que garantam o uso justo e as penalidades para a violação da lei de direitos autorais.

Do site do Escritório:

“O Escritório de Direitos Autorais fornece assistência especializada ao Congresso sobre questões a respeito de propriedade intelectual; aconselha o Congresso sobre as mudanças na lei de direitos autorais; analisa e auxilia na elaboração da legislação de direitos autorais e relatórios legislativos; fornece e realiza estudos para o Congresso; e oferece conselhos ao Congresso sobre o cumprimento dos acordos multilaterais, como a Convenção de Berna para a Proteção das Obras Literárias e Artísticas. O escritório trabalha em conjunto com o Departamento do Estado com o Representante da Produção Intelectual dos EUA e com o Departamento Intelectual do Poder Executivo no fornecimento de conhecimentos técnicos para negociações internacionais de propriedade intelectual, além de fornecer assistência técnica a outros países de elaboração de suas próprias leis de direitos autorais”

Quando o Google ampliou a sua missão em tornar disponível todo o conhecimento da humanidade, ele se aproximou do objetivo das bibliotecas. As bibliotecas acadêmicas armazenam grande parte deste conhecimento, sem contar no seu papel em colaborar com a construção do conhecimento pela comunidade que atende. Podemos até resgatar as questões discutidas no Capítulo 2 quando pensamos melhor a respeito desta infraestrutura do conhecimento.

Sim, esta ideia de infraestrutura é algo grandioso. Mas aí você pode se perguntar: será que o bibliotecário mais próximo a mim consegue desempenhar este papel? Sim! Bibliotecários escolares podem ser agentes fundamentais no desenvolvimento de novas formas de ensino, de aprendizagem, dando a possibilidade de um acesso informacional que extrapole o dos livros. As escolas atualmente estão se vendo obrigadas a reformular suas estratégias de ensino para algo muito mais contemporâneo. Que melhor espaço que uma biblioteca para colocar em prática todas estas estratégias?

Bibliotecários universitários podem trabalhar e defender o acesso aberto à produção científica. Bibliotecários de órgãos governamentais podem colaborar em encontrar informações estratégicas dentro dos espaços públicos, fomentando a democracia. Já os bibliotecários de empresas podem assegurar a gestão adequada de toda produção intelectual de seus colaboradores.

O futuro de nossa economia. de nossa democracia. de nossa educação e de nosso cotidiano es

bibliotecas como colaboradoras para esta proximidade. Se sua biblioteca não crê em seu poder transformador – acredite mais! Se sua biblioteca tem visões limitadas que se esbarram em problemas que foram somente concebidos mentalmente, sequer existem – acredite mais! Sua comunidade é grande demais para que a biblioteca possa atender indivíduo por indivíduo, mas é tão importante que merece todos os esforços. Acredite mais, muito mais!

6. Comunidades: a plataforma

Você já deve ter percebido que uso a palavra “comunidade” em um sentido bastante amplo. Não restrinjo a palavra a um determinado público ou espaço geográfico. Comunidades são grupos de pessoas que possuem alguma variável em comum. Esta variável pode ser o local onde vivem, a escola onde estudam, a organização onde trabalham e por aí vai. Em todos estes casos, entendemos que todos os membros dessa comunidade tem conhecimento desta variável em comum.

Note também que você não se restringe a somente uma comunidade: você estuda, você trabalha, tem a sua família. Nem todas estas comunidades precisam de bibliotecas e naquelas em que precisam, a biblioteca torna-se parte dela, fazendo com que esperamos que ela tenha a sua própria voz.

Comunidades tem aspirações e sonhos. A biblioteca pode ajudar a realizar estes sonhos. Comunidades também se deparam com problemas e desafios e a biblioteca também deve estar para ajudar.

Sabemos também de algumas coisas que as comunidades devem esperar de suas bibliotecas. Elas devem ser espaços para criação e compartilhamento de conhecimento, não somente um espaço cheio de livros. Sabemos que a função de uma biblioteca deve transcender as quatro paredes. As comunidades devem acreditar que as bibliotecas podem cada vez mais criar serviços que as motivem. Significa que os estudantes podem acessar serviços da biblioteca estando em casa, que colaboradores de uma empresa podem acessar a biblioteca a partir de seus smartphones, que os cidadãos podem interagir com a biblioteca pública na própria web .

Biblioteca como plataforma

A nova visão da biblioteca não é um local ou uma coleção de livros, mas uma plataforma para que a comunidade crie e compartilhe conhecimento. Isso é mais do que uma mudança teórica. Traz reais implicações de como as bibliotecas se organizam e como usam a tecnologia. Vejamos alguns exemplos a seguir.

Perfis da comunidade Polaris

Polaris é uma companhia que desenvolve software para biblioteca. Eles criam o que as bibliotecas chamam de Sistemas Integrados de Bibliotecas, ou SIB. O software permite aos bibliotecários catalogar novos materiais, organizá-los pelas estantes e registrar empréstimos. Na sua essência nada mais é que um sistema de controle de estoque.

O Polaris percebe que as bibliotecas estão mudando e precisa acompanhar estas mudanças. Assim, eles criaram um sistema para alimentar com informações sobre o perfil da comunidade e a biblioteca. O intuito também era o de adicionar informações (contato, atendimento...) de várias organizações. Quando alguém procurasse um livro no catálogo sobre alfabetização de adultos, as informações sobre escolas com vagas abertas para este público também.

A Polaris foi além e deu mais um passo, possibilitando que as próprias organizações adicionassem suas informações, tornando-se responsáveis por sempre atualizá-las quando necessário. Elas podem criar e expandir a sua presença digital na web com o auxílio da própria biblioteca, construindo parcerias de produtos e serviços.

O sistema da Polaris se tornou uma plataforma que permite a comunidade compartilhar e descobrir serviços, além de engajar as próprias atividades de seus indivíduos. Qualquer atividade que qualquer indivíduo da comunidade venha a realizar, pode ser compartilhado pela biblioteca através deste sistema.

Imagine se organizações locais utilizassem este sistema para criar cursos, que tanto teriam recursos multimídia de ensino a distância, como o suporte das bibliotecas. O aluno poderia, a partir de seu smartphone, verificar qual a biblioteca mais próxima e assim realizar as atividades do curso com aquilo que a biblioteca viesse a oferecer. A biblioteca pode realmente se tornar uma espécie de “universidade do povo” hospedando cursos abertos ou em parcerias com empresas. Mas espere, podemos ir um pouco mais adiante!

Um professor poderia utilizar a biblioteca para criar o seu próprio curso e hospedá-lo em algum espaço virtual da biblioteca. Não seria necessário fazer um alto investimento na compra de um sistema como o Blackboard, por exemplo. Reunindo os esforços de equipe de TI, pedagogos, professores e bibliotecários, um sistema “caseiro” poderia ser criado e assim ser mais uma ferramenta de ensino, que desde a sua própria concepção já estaria transmitindo algum ensinamento a alunos da área de TI, por exemplo.

Jardim comunitário

Em alguns casos, a plataforma ou sistema que a biblioteca oferece, tem pouco a ver com tecnologia. Em Cícero, Nova York, uma plataforma da biblioteca é construída do zero, literalmente. Meg Backus é bibliotecária na Biblioteca Pública de Northern Onondaga e está encarregada de desenvolver projetos voltados a aulas e eventos. Para desenvolvê-los, Meg ouve atentamente a comunidade que a biblioteca atende. Ela descobriu que a comunidade adora jardinagem e gostava de saber mais sobre o assunto.

Ao invés de convidar jardineiros especialistas para uma palestra na biblioteca, Meg decidiu ir al

jardim que posteriormente foi chamado de LibraryFarm. O espaço que foi utilizado ficava exatamente ao lado da biblioteca: ele foi limpo e o solo preparado para o plantio. Cada pessoa ficou responsável por um pedaço do espaço, trazendo as sementes e realizando a sua própria atividade. Especialistas foram convidados para dar conselhos sobre manuseios, manutenção, dando dicas e apoio. O espaço cresceu rapidamente, inclusive se tornando uma pequena fazenda que começou a dar alimentos para as feiras locais. O que se tornou como uma atividade simples: jardinagem, acabou recebendo lições sobre nutrição, alimentação saudável e outras. O quanto isso custou para a biblioteca? Somente a conta da água.

Reorganizando as pesquisas

Fui consultor de uma grande biblioteca focada em pesquisa acadêmica. Após uma reviravolta administrativa, onde o reitor foi demitido, a moral e motivação da equipe eram inexistentes. Um novo diretor para a biblioteca foi contratado com o intuito de trazer de volta à vida a biblioteca. E o diretor trouxe vários consultores (inclusive eu) com a meta de desenvolver um novo plano de trabalho que reorganizasse a equipe de bibliotecários, as funções e os processos.

A maioria das bibliotecas estão estruturadas em duas grandes seções: o serviço de referência e o serviço técnico. Chegando às estantes, manuseando os livros, realizando pesquisas, conversando com o bibliotecário, você está no serviço de referência. Realizando compras, catalogando, indexando, realizando a manutenção do catálogo, isso tudo se enquadra no serviço técnico. Este modelo de organização de bibliotecas em duas seções é tão prevalente que você o encontra na maioria das bibliotecas públicas e acadêmicas deste país. E o mesmo se diz quando se fala de países da Europa, África ou Ásia.

Por que o mesmo modelo em todo lugar? Parte disso vem da própria formação dos bibliotecários: ainda muito pensada na biblioteca como um local de livros. O serviço técnico é de onde livros vêm e o de referência é de onde os livros saem. Mas é assim que funciona a sua comunidade? Será que este modelo vislumbra uma maior participação da comunidade?

Ao criar este novo plano, o diretor focou a atenção em seu principal público: pesquisadores. Um público formado por professores e alunos de diferentes níveis, da graduação ao pós-doutorado. Este diretor descobriu que a maioria dos pesquisadores precisa realizar uma vasta revisão de literatura no início de seus trabalhos. Precisam ter acesso a estudos anteriores, a novas teorias e conceitos. Nesta fase inicial, o modelo de biblioteca dividido em duas seções ainda faz sentido. medida que o pesquisador avança em seu trabalho, este modelo começa a se quebrar.

Digamos que um pesquisador receba um financiamento externo para sua pesquisa, por exemplo, e cada vez mais evidente que os pesquisadores tornem público o modo como vem coletando dados.

pesquisas faz parte das exigências das agências de fomento. As bibliotecas tem algumas formas de fazer isso que se encaixam no serviço técnico. Só que isto se quebra à medida que o próprio pesquisador também pode criar o seu espaço para disseminar a pesquisa.

A distinção entre o que a comunidade faz e o serviço técnico também fica turva quando analisamos o processo de ensino numa faculdade. O corpo docente traz para a sala de aula artigos, livros e outras mídias como ferramentas de suporte. Mas ele também cria o seu próprio material, as suas próprias estratégias. E como a biblioteca pode aproveitar de todos estes materiais que são produzidos e que ficam estocados em computadores pessoais?

Voltemos à biblioteca que me contratou como consultor. O diretor da biblioteca após este conteúdo do seu público, dispensou o modelo antigo e criou um baseado em duas seções: pesquisa e ensino. Todos os novos processos da biblioteca foram mapeados nestas novas atribuições e necessidades de pesquisadores, professores e alunos.

A biblioteca neste caso se tornou uma plataforma humana para acelerar os objetivos estratégicos da universidade: melhores pesquisas e melhor ensino. Neste caso, a comunidade pode acreditar mais na biblioteca. E se a biblioteca se incorporasse na sua comunidade?

eScience

Em 2001 Ellen Roche, uma técnica de laboratório de 24 anos de idade, entrou numa ensaio clínico na Universidade Johns Hopkins e Centro de Alergia. O objetivo era investigar como os pulmões reagem a alguns componentes químicos. Os pesquisadores inalaram em Roche o hexamethonium. Ela foi a terceira voluntária do estudo. A primeira voluntária teve uma tosse leve que durou uma semana e a segunda voluntária não reagiu ao componente. Já Roche desenvolveu a leve tosse e foi piorando ao passar dos dias. No sexto dia após inalar o produto, ela foi internada em terapia intensiva e menos de um mês depois ela veio a óbito.

O que torna esta história ainda mais trágica é que a morte de Roche poderia ser evitada. Como parte de um ensaio clínico, o pesquisador primeiro precisou realizar uma revisão de literatura. Ele começou pesquisando estudos desde os anos 1960 até os dias atuais e não encontrou nada a respeito do hexamethonium. No entanto, se ele não tivesse se restringido aos estudos de 1960, teria encontrado estudos que ligam o produto a problemas respiratórios de 1950. Por conta da morte de Roche, hoje todas as pesquisas voltadas a drogas e produtos químicos na Hopkins, devem antes passar pela pesquisa apurada de um bibliotecário e de um farmacêutico. Um erro simples, mas fatal, que poderia ser evitado de maneira simples.

A história já é trágica e torna-se pior por conta da falta de informação que a levou a ocorrer. Isso faz retomar a discussão da infraestrutura de conhecimento, que está cada vez mais complexa e

em bases de dados, problemas complexos exigindo trabalho coletivo com cientistas de diferentes áreas. Vejamos o caso do estudo das partículas fundamentais do universo em desenvolvimento Grande Colisor de Hádrons, na Europa.

O Grande Colisor de Hádrons é um corredor em círculo de complexos eletrônicos e poderosos ímãs, com quase 17 milhas de comprimento e que fica enterrado entre a Suíça e França. Ele tem capacidade de acelerar partículas quase que na velocidade da luz e as esmaga precisamente e conjunto. Com esta explosão, estas partículas geram outras chamadas de quarks, mas a espera é que se consiga chegar na chamada partícula de Deus, o bóson de Higgs que dá massa ao universo.

O Colisor levou mais de uma década para ser construído e custou aproximadamente 9 bilhões de dólares. Cientistas do mundo todo desejam trabalhar com ele, seja virtual ou pessoalmente. Para você ter noção do quão complexa pode ser a escala de pesquisa científica do Colisor, um experimento que o envolveu listou 3046 autores em um artigo.

Estas forças de larga escala e de grande volume de dados não se limita à Física. Pesquisadores de Humanas podem se debruçar em centenas de milhares de textos digitais para fundamentar suas pesquisas. Cientistas sociais analisam bilhões de páginas web e de atualizações nas mídias sociais buscando compreender o comportamento digital. Companhias farmacêuticas podem gerar milhões de possíveis combinações químicas.

Para ajudar a acelerar a ciência e evitar potenciais desastres provenientes do grande fluxo de informações, estes laboratórios de pesquisas estão contratando bibliotecários. Eles trabalham diretamente com os pesquisadores, principalmente organizando uma montanha de dados, construindo ferramentas e mecanismos de pesquisa cada vez mais eficientes. Eles correspondem à expectativa gerada pelos laboratórios e colaboram com a disseminação científica de suas conquistas.

Podemos ter um bibliotecário focado para a necessidade de um tipo de comunidade. Ela vive dentro e fora da biblioteca, assim como os próprios bibliotecários. Indiferente o tipo de profissão se trabalha numa escola ou numa empresa, o bibliotecário precisa em alguns momentos deixar o local de trabalho e atuar junto da comunidade. Você bibliotecário, não deve esperar que todos virem à biblioteca, vá até eles, esteja onde eles estão.

Falei sobre os bibliotecários emergindo em sua comunidade, mas e o contrário?

Biblioteca Pública de Dallas

Mencionei há pouco que milhões de bibliotecas se dividem num modelo de duas seções: o servi

separados. E isso não é uma coincidência incrível. Por séculos é de natureza das bibliotecas de tudo organizado, normalizado. Muitos destes padrões tem uma raiz no regulamento da biblioteca até mesmo em alguma lei. Em Dallas, todas as bibliotecas foram construídas ou reformadas conforme um plano mestre.

Só que este plano tinha um problema. Ele traçava diretrizes sobre como todos os setores, móveis e balcões são dispostos em todas as bibliotecas. Ficou familiar a um McDonald's, que não importa qual você vá, sempre será semelhante encontrando o que quer rapidamente.

Corinne Hill, diretora da rede de bibliotecas de Dallas, percebeu isso no plano mestre e procurou melhorá-lo. Em bairros com uma grande comunidade de artistas, as bibliotecas passaram a ter espaços fixos para galerias de arte. Os livros ficavam ao redor da biblioteca e em seu centro, grandes mesas que proporcionavam o trabalho colaborativo.

Já na biblioteca central, que fica no centro de Dallas, ela criou no quinto andar do edifício um espaço de Negócios & Tecnologia, que ajudasse a empreendedores locais com a criação e desenvolvimento de seus empreendimentos. E ela foi além! Dentro da própria biblioteca, ela abriu espaços para que os empreendedores se instalassem para divulgar e até vender seus negócios, pequenas lojas ou escritórios. Assim, a comunidade foi incorporada dentro da biblioteca.

Este modelo não é único de Dallas. Na Biblioteca do Distrito de Ann Arbor há uma equipe de bibliotecários de produção, que trabalha diretamente com a comunidade na produção de novas ferramentas e projetos. Você tem uma ideia para criar um novo site? Esta equipe pode te ajudar o projeto de um vídeo? Chame os bibliotecários de produção. A biblioteca é um local para a comunidade criar.

Eli Neiburger, diretor associado para a Ann Arbor e que supervisiona esta equipe de bibliotecários produtores, me contou uma grande ideia. Um membro da comunidade chegou na biblioteca perguntando se poderiam colocar no catálogo os seus livros particulares para que outras pessoas pudessem emprestá-los. Ele não queria somente deixar os seus livros disponíveis, mas também espalhar a ideia para que outras pessoas fizessem o mesmo, inclusive com outros materiais. Da maneira como as bibliotecas funcionam, esta ideia é um pouco estranha, visto que estes livros sequer pertencem à biblioteca, não são de sua propriedade. Mas quando você pensa que a biblioteca deve servir como uma plataforma, que devem ser “da comunidade” ao invés de “para a comunidade”, esta ideia faz pleno sentido. E se resgatarmos um pouco da história das bibliotecas é assim que muitas delas começaram, como um agrupamento de coleções pessoais.

Mas por que falamos somente de objetos? Por que não tornar a biblioteca como um local para compartilhar a própria comunidade? Bibliotecas ao redor do mundo estão começando a empres

impressão 3D em Fayetteville. Quem é especialista em algum assunto e que queira compartilhar seu conhecimento, pode procurar a biblioteca para divulgar esta vontade. Na Europa existem agora as bibliotecas anti-preconceito. Nunca conversei com um muçulmano? Com um gay ou uma lésbica? Um latino? Um republicano? Agora você pode por meio da biblioteca que oferece um local cívico e seguro para estas conversas.

Bibliotecas como um local

Já falei antes sobre bibliotecas como instituições inspiradoras. Muitas bibliotecas são construídas mais como grandes monumentos do que exatamente como espaços funcionais. Não que isso se torne de todo ruim, mas na verdade elas devem ser construídas para representar os mais audaciosos ideais das comunidades.

As bibliotecas podem ser inspiradoras, mas antes de tudo, funcionais. Muitas das bibliotecas construídas por Carnegie há mais de um século hoje se tornaram inflexíveis, impossibilitadas de aumentar o seu acervo ou propor novos serviços por conta do tamanho pequeno. Muitos bibliotecários se irritam com o trabalho de arquitetos que planejam uma biblioteca mais como uma obra de arte do que um espaço funcional.

Isso está mudando. Por quê? A resposta curta é a nova abordagem sobre bibliotecas (detalhada neste livro) e a Lei de Moore. O fundador da Intel, Gordon E. Moore afirmou que tanto o número de transistores em um computador dobraria a cada dois anos quanto o custo de colocar o mesmo número de transistores seria a metade. A Lei de Moore, como vem sendo chamada há mais de 40 anos, tem sido amplamente discutida para falar sobre como a tecnologia cresce rapidamente, mas seus valores acabam ficando pela metade. Eis um exemplo: um computador de 1982 pesa 100 vezes mais, é 500 vezes maior em volume, custa cerca de 10 vezes mais e trabalha 100 vezes mais lento do que o smartphone que você tem aí no seu bolso.

Este encolhimento proporcionado pela tecnologia tem trazido grandes efeitos. O primeiro é na concepção do espaço físico da biblioteca. Pilhas de recursos físicos agora podem ser compactados em um espaço menor, permitindo que sistemas robóticos os recuperem, como é o caso da Biblioteca Joe e Rika Manusetto na Universidade de Chicago. Os livros e outros itens físicos são armazenados em prateleiras subterrâneas de 50 pés de altura, recuperados por uma cúpula de vidro acima do solo. Hoje há novos materiais de construção que permitem à luz ambiente inundar o espaço tornando as bibliotecas mais convidativas e sustentáveis.

O segundo efeito impacta nos próprios bibliotecários. Agora eles podem deixar o edifício para trabalhar em outros locais facilitando a criação de conhecimento. Suas ferramentas de trabalho estão disponíveis em smartphones e tablets. Os bibliotecários podem trabalhar remotamente via

Aí você pode se perguntar: será que ainda precisamos da biblioteca física? A resposta vem da própria comunidade. Com a era digital, o espaço físico de trabalho do bibliotecário pode ser cada vez menor, entretanto, para que a comunidade trabalhe e crie, este espaço precisa existir e sem crescer. As bibliotecas físicas estão se tornando o terceiro espaço.

A ideia de terceiro espaço é do sociólogo Ray Oldenburg. O primeiro espaço é onde você vive, em casa. O segundo é onde você trabalha, seu escritório e o terceiro é onde você se sente parte da comunidade. Este terceiro espaço pode ser uma barbearia ou um bar. Na Europa, ele pode ser uma das tantas famosas praças que há por lá. O problema é que este terceiro espaço está desaparecendo. Mesmo as praças europeias estão sendo reconstruídas ou inviabilizando seu acesso por diferentes motivos. Nos Estados Unidos, muitos desses terceiros espaços são comerciais, como um shopping ou uma Starbucks. Só que sendo comerciais, estes espaços podem ser distorcidos por conta da regulamentação do local, não é um espaço plenamente livre.

Este conceito se aplica a todas as bibliotecas. As universidades estão percebendo que precisam oferecer mais que salas de aulas e dormitórios. Centros estudantis são bons, mas muitas vezes alunos tem ido à biblioteca para usá-la como um local produtivo e social, mesmo porque a aprendizagem é uma atividade social. Bibliotecas empresariais são lugares interessantes que muitas vezes misturam colaboradores da empresa de diversos setores. Bibliotecas nacionais, como a do Congresso, tem ofertado bolsas de estudo para trazer pesquisadores do mundo todo para interagir com os funcionários do governo.

O conceito de biblioteca como espaço comunitário não é novo. Já falei sobre a Biblioteca da Alexandria, que foi construída com colunatas e salas para maximizar a interação entre os estudiosos. A tecnologia e um foco renovado sobre a comunidade são o que nos permite pensar melhor as bibliotecas para as comunidades.

Um edifício sozinho não pode fazer nada. Uma grande construção esteticamente bela não é o suficiente. Um espaço com muitos livros e mesas somente não faz com que a biblioteca se torne espaço de criação. É preciso um compromisso da comunidade e um grupo de facilitadores dedicados a construir a transformação, tijolo por tijolo. Felizmente estes facilitadores existem e os chamamos de bibliotecários.

7. Bibliotecários: trabalhem com brilhantismo

Caso ainda não tenha notado, ao longo de todo este livro eu cometi uma mentira semântica. Falo que bibliotecas fazem e não fazem, o que deveriam ou não fazer. Mas as bibliotecas não fazem coisa alguma, são prédios, são construções. Mesmo o melhor conceito sobre biblioteca como uma organização ainda assim é um conceito abstrato. O trabalho e o impacto que as bibliotecas podem trazer são resultados de pessoas. São profissionais, voluntários, conselheiros, zeladores. Todo o trabalho e o seu impacto é resultado direto dos bibliotecários.

Há três maneiras básicas para se tornar um bibliotecário: você pode ser contratado como um, você pode estudar para ser um ou você nasceu para ser um. O primeiro é o mais fácil e muitas vezes menos eficaz. O segundo é um meio mais demorado, costuma ser exigido por lei e traz resultados mais eficazes. O último é raríssimo e muito poderoso. Em seguida falarei sobre cada um deles, apontando os aspectos positivos e negativos e o que podemos esperar.

Bibliotecário empregado

Na área rural de Vermont poucas pessoas obtêm a pós-graduação para se tornar bibliotecário (Nota do Tradutor: Lembre-se que a realidade retratada neste livro é a norte-americana, onde Biblioteconomia é um curso de pós-graduação). Os custos são demasiado altos e os salários pouco atrativos, portanto, baixo retorno no investimento. Nesta região há muitas pessoas que trabalham como bibliotecários, mas não tem formação na área.

Este contexto não se restringe somente à área rural. James Billington, por exemplo, Bibliotecário do Congresso, tem formação em História. São ainda resquícios de séculos anteriores onde o título de bibliotecário era dado a professores e outros profissionais da área de Humanas.

Há algumas vantagens em se contratar este tipo de profissional. Eles podem trazer perspectivas diferentes às bibliotecas, seus salários são menores e podem ter um envolvimento grande com a comunidade do que alguém contratado de outra região e já formado.

Por outro lado, há substanciais desvantagens. Eles não possuem certas habilidades técnicas, são básicos ao modo de trabalhar a organização dos recursos da biblioteca e não percebem o real valor que a Biblioteconomia pode trazer à sua comunidade. Para eles, muitas vezes as bibliotecas são salas cheias de livros.

A chave para um profissional assim ser um bibliotecário de sucesso é a dedicação e iniciativas

profissionais, com programas de aperfeiçoamento focados em atividades mais técnicas. Toda equipe de biblioteca, indiferente da sua origem e formação precisa se dedicar para um desenvolvimento contínuo.

Bibliotecário graduado

Para se tornar bibliotecário é necessário obter um título de mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Nos Estados Unidos, estes programas são credenciados pela Associação Americana de Bibliotecários, com cerca de 60 deles em toda a América do Norte (sou professor em um deles). Provavelmente a pergunta que mais frequentemente os estudantes destes programas ouvem é “Precisa de mestrado para trabalhar em bibliotecas?”

Eu entendo que as pessoas façam esta pergunta, afinal, muito do trabalho do bibliotecário é fazer alguma coisa para as pessoas. Abordarei esta questão um pouco mais profundamente logo adiante. Enquanto isso, deixe-me apresentar algumas das habilidades que os bibliotecários ganham ao se formar.

De acordo com a Associação Americana de Bibliotecários, o currículo do curso está apto a formar profissionais com algumas características:

“Preocupa-se com a informação e preservação do conhecimento, estando atento a serviços e tecnologias que facilitem seu uso e sua gestão. O currículo de estudos de informação e bibliotecas engloba estudos sobre criação de conhecimento, comunicação, identificação, seleção, aquisição, organização e descrição, armazenamento e recuperação, preservação, análise, interpretação, avaliação, síntese, divulgação e gestão.”

Em sua grade de estudos, os bibliotecários são introduzidos numa ampla gama de habilidades úteis em bibliotecas e, como vem sendo percebido, em outras instituições como Google e empresas da Fortune 500. Bibliotecários formados obviamente trabalham em bibliotecas, mas também com arquitetura da informação, escritórios de inteligência competitiva e até mesmo com um vice-presidente (como é o caso da empresa JPMorgan Chase). Há também centenas de bibliotecários trabalhando como editores e em grandes provedores de bases de dados.

Os bibliotecários utilizam as habilidades que aprendem para identificar as necessidades de uma comunidade e construir sistemas para acesso a recursos informacionais. Isso pode significar trabalhos voltados a criação de sistemas sobre como os itens são arquivados ou até mesmo sobre a indexação de páginas web. O que a maioria das pessoas não percebem é que quando Tim Berners-Lee inventou a World Wide Web, ele estava tentando resolver um problema de bibliotecário: como encontrar artigos de Física citados em ambiente digital. Assim, numa última análise, os bibliotecários são construtores de ferramentas.

Será que a formação universitária importa? Lembre-se do que discutimos no Capítulo 4 a respeito dos bibliotecários escolares. Os estudos demonstraram que a presença de um bibliotecário formado dentro das escolas tem um impacto direto e positivo sobre os resultados avaliativos e a retenção de alunos. Foi um bibliotecário formado que colaborou com que a escola se tornasse melhor.

Os bibliotecários formados são preparados para trabalhar, tem um profundo conhecimento de campo e habilidades imediatamente úteis. São especialistas não só nas atividades do cotidiano de uma biblioteca, mas em habilidades facilmente aplicáveis com uma visão de mundo ampla para colaborar com suas comunidades.

Temos que levar em conta também que o contrário pode acontecer, com a atuação de escolas de Biblioteconomia que acabam por trazer uma visão muito tradicionalista da profissão, limitando o potencial de alguns alunos. Uma das maiores preocupações com bibliotecários formados é o que eu chamo de “labirinto de Daedulus”. Como você pode recordar, Daedulus (ou Dédalo) é um incrível engenheiro da mitologia grega que construiu um labirinto tão complexo do qual nem ele mesmo poderia escapar. Ao longo de 3000 mil anos, os bibliotecários projetaram incríveis ferramentas que os ajudassem a construir enormes coleções. O único problema é que estas ferramentas acabam se limitando a um universo técnico demais, nos fazendo pensar de modo reducionista.

Reduccionismo é quando você pega algo que é grande e complexo e o divide em partes menores para poder compreender. É por isso que o Grande Colisor de Hádrons existe, para que possam compreender em átomos aquilo que se tornou o grande evento que foi a criação do Universo.

Alguns exemplos: em 1863 Roger Bacon pensou que o mundo das ideias poderia ser dividido em três partes: memória (material sobre história), razão (material sobre filosofia) e imaginação (material sobre artes). Foi um sistema adotado mais tarde por Thomas Jefferson para organizar sua considerável coleção de livros (que depois foi vendida ao Congresso dos Estados Unidos e a queima da Biblioteca do Congresso pelos britânicos). Voltando para 1732, Samuel Johnson foi mais simples ainda ao dizer que somente duas classes eram necessárias: filologia (estudo das palavras e outros sinais) e filosofia (estudo das coisas significadas por estas palavras e sinais).

De todos os trabalhos voltados à vontade de classificar tudo o que há no mundo, provavelmente que é mais associado com as bibliotecas é o de Melvil Dewey. Ele foi bibliotecário e um apaixonado defensor da revisão ortográfica e de sistemas métricos. Estes dois itens juntos acabaram por formular mais tarde a sua Classificação Decimal de Dewey.

100 – Filosofia e psicologia

200 – Religião

300 – Ciências Sociais

400 – Idiomas

500 – Ciências (inclusive Matemática)

600 – Tecnologia e Ciências Aplicadas

700 – Artes e entretenimento

800 – Literatura

900 – Geografia e história

Cada uma destas categorias poderia ser subdividida em itens ainda mais específicos. Enquanto livros de História se encaixam na classe 900, livros sobre a História da África entram em 960 e a História do Egito e Sudão em 962, por exemplo. Você pode ainda adicionar um ponto decimal e após ele outros números para classificar algo ainda mais específico.

A beleza do sistema de Dewey é que os números são sempre os mesmos, bem como os significados, que você pode ir traduzindo conforme cada idioma e limitação geográfica. Esta capacidade de captar uma grande variedade de temas, além do amplo trabalho de divulgação por parte de Dewey, fez com o que o seu sistema fosse aceito internacionalmente.

Quando você quebra a sua perna, você vai a um ortopedista, se for algo somente no pé, vai ao podólogo. Se tiver problemas no coração vai a um cardiologista, mas se for preciso alguma operação, vai a um cirurgião cardíaco. Está entendendo meu ponto de vista? Não temos apenas bibliotecários, temos bibliotecários de bibliotecas públicas e de universidades. Ainda dentro das universidades, temos os bibliotecários de referência e os de catalogação. Veja por exemplo a Associação Americana de Bibliotecários, eles têm 11 divisões (bibliotecas universitárias, públicas escolares, comunitárias...). Possuem também 18 escritórios para manter a Associação (market diversidades, relações internacionais...). E ainda há mais! Ela possui 20 mesas-redondas, uma espécie de divisões que abordam a história das bibliotecas, liberdade intelectual, jogos e outras mais. Depois ainda há grupos de trabalho, forças-tarefa, comissões. É algo tão complexo que em sua última conferência anual foi necessária uma programação na web para que as pessoas encontrassem os eventos separados por cada uma dessas divisões e grupos especiais.

Por que isso tudo pode ser um problema? Porque assim como os médicos que estão aprendendo que o coração não funciona sozinho, faz parte de um grande sistema que pode ser afetado pelos pulmões e até mesmo pelo modo como você utiliza fio dental. Aí é que está o problema quando trabalhamos com o reducionismo: a vida é muito mais complexa do que nos sugerem sistemas universais como a Classificação Decimal de Dewey. Enquanto em algumas culturas um livro sobre cura pela fé ou por remédios homeopáticos poderia ser encaixado em Religião em outras ele poderia entrar em Medicina.

É por isso que, graduados ou não, os bibliotecários precisam ser flexíveis e holísticos. Eles precisam manter a visão e missão da instituição, mas suas ferramentas de trabalho precisam ser fluidas. Na ciência, tanto física como social, estamos vendo que se você pegar um sistema complexo e dividir em partes e depois reconstruí-lo, verá que o todo é maior que a soma de suas partes. Uma comunidade não é um amontoado de pessoas e suas necessidades individuais. A comunidade é um conjunto de necessidades, sonhos e habilidades, que quando misturados nos apresentam a novos pontos fortes e fracos.

Muitas vezes, os bibliotecários graduados (e seus professores que os ensinam) ficam presos a técnicas e métodos de catalogação, que futuramente irão influenciar no modo de inovar e na geração de novas ideias. Acredite mais que isso, vá além!

Bibliotecários por dom

A terceira classe de bibliotecários compõe aquelas pessoas que não possuem a formação em Biblioteconomia, nem levam o “título” de bibliotecário em seus cargos, mas que claramente possuem as mesmas missões, habilidades, perspectivas e visão. Pessoas como David Rumsey

Rumsey conquistou uma fortuna vendendo imóveis e usou este dinheiro para construir uma incrível coleção de mapas. Ele mesmo quem criou o acervo. Isso por si só não faz de Rumsey um bibliotecário, mesmo porque, é fácil encontrar pessoas que tenham construído magníficas coleções. O que torna o trabalho de Rumsey notável é que ele utilizou seus recursos pessoais para tornar pública e acessível toda esta coleção via internet. Construiu um conjunto de ferramentas para permitir a qualquer pessoa visualizar, comparar e analisar os mapas. Em essência, Rumsey conseguiu facilitar a aprendizagem e o acesso aos amantes, estudantes universitários, geógrafos e quaisquer outras pessoas que tivessem envolvimento com o assunto. Seu trabalho foi tão bem feito e visualizado, que foi reconhecido pelo Institute of Museum and Library Services (IMLS), o órgão federal responsável pelo financiamento de bibliotecas e museus.

Em diversas comunidades e locais você encontra estes “bibliotecários cidadãos”. Em Syracuse Wisconsin, grupos comunitários criaram caixas para troca de livros. Cada caixa foi desenhada

aqueles livros parados nas estantes para distribuir nessas caixas. Isto não significa que bibliotecas foram construídas, mas aqui o que importa é a aprendizagem e o entretenimento proporcionado para sua comunidade.

Agora sabemos quais são as classes de bibliotecários. Mas o que exatamente eles fazem? O que devemos esperar de um bibliotecário?

Salzburg e um pouco das minhas coisas favoritas

Para responder a esta questão do que devemos esperar de um bibliotecário, preciso levá-lo até Salzburg, na Áustria. Sobre a montanha da pitoresca cidade, há o famoso castelo utilizado pela família Von Trapp no filme *The Sound of Music*, seu nome é Schloss Leopoldskron e agora é mais conhecido como Seminário Global de Salzburg. O Seminário foi criado após três estudantes de Harvard, logo após a Segunda Guerra Mundial, com o intuito de ser uma espécie de campo de treinamento para líderes emergentes da Europa. Hoje, ele se ampliou globalmente e reúne líderes de vários países sobre diferentes temas.

Em 19 de outubro de 2011, um grupo de inovadores de bibliotecas e museus de mais de 31 países se reuniram em Salzburg para discutir “Bibliotecas e Museus em uma Era da Cultura da Participação”. Fui sortudo em ter sido convidado. Através de plenárias e grupos de discussão, os participantes deste seminário desenvolveram uma série de recomendações e estratégias para bibliotecas e museus em tempos de Facebook.

Um desses grupos ficou responsável em desenvolver recomendações em torno de habilidades necessárias a bibliotecários e museólogos no mundo conectado e participativo de hoje. Ao invés de trabalhar exclusivamente com habilidades de bibliotecários ou de museólogos, eles desenvolveram um currículo que abrangesse as duas áreas. Resumindo, eles apresentaram que os dois profissionais devem perceber a cultura participativa como ramificações para que desenvolvam novas competências e habilidades.

Grande parte deste currículo não é novidade para você que chegou até aqui na leitura deste livro

Bibliotecários (meu foco aqui) precisam saber trabalhar com tecnologias, especificamente:

- Engajar e envolver com a tecnologia;
- Acompanhar as tecnologias através das gerações;
- Criar e manter uma efetiva presença digital;
- Usar a tecnologia para a construção coletiva de conhecimento.

técnicas que mencionamos, como catalogação, bem como preservar a memória e os materiais para as futuras gerações. No entanto, esta gestão não se limita somente ao acervo.

Já mencionei bibliotecas que circulam mais que livros e DVDs: algumas chegam a emprestar va de pescar e até fantoches. No Fab Lab em Fayetteville, eles emprestam câmeras e materiais pa confecção de livros. No Brooklyn, há uma impressora que trabalha sob demanda imprimindo livro escritos pela própria comunidade. Na África, há o empréstimo de máscaras para cerimoniais, na Faculdade Comunitária de Onondaga você pode ver modelos de partes do corpo. Meu objetivo é mostrar que os bibliotecários precisam sempre ir além, criando “acervos vivos” que acompanham as necessidades de uma comunidade.

O próximo conjunto de habilidades desenvolvido com o trabalho em Salzburg gira em torno da cultura. Os bibliotecários devem ser capazes de alcançar efetivamente todos os setores de sua comunidade, entender seus costumes sociais, trabalhando com as diferentes necessidades de cada classe social.

Geralmente quando lemos isso acabamos associando somente as bibliotecas públicas. No entanto, trabalhando no ambiente de uma universidade, posso lhe afirmar que há muitas classes sociais distribuídas. Desta mesma forma, os bibliotecários escolares precisam também entender como trabalhar com professores e alunos de diferentes disciplinas e cursos.

Por muito tempo os bibliotecários se enclausuraram em suas bibliotecas, criando uma cultura de silêncio e obrigando que cada pessoa que lá entrasse se ajustasse a ela. São bibliotecários que criam limites.

O trabalho do bibliotecário é especializado e difícil. Navegando pela conflitua estrutura do conhecimento, eles acabam por se deparar com outros profissionais, mais técnicos, o que acaba por lhes exigir uma formação e atuação diferenciadas.

Ser capaz de desbloquear os muros de nossos jardins e uma miríade de fontes e, em seguida, ter informações abrangentes e compreensíveis é uma das habilidades mais valiosas numa economia do conhecimento. Dito isto, parte desse trabalho é fazer com que o resultado seja de fácil compreensão e utilização. Você deve esperar que o seu bibliotecário entenda as suas necessidades.

O currículo de Salzburg especifica uma série de habilidades em torno do conhecimento e aprendizado. Você deve esperar que seu bibliotecário seja eficaz e entenda como você busca novas informações, sintetiza novos conhecimentos e finalmente, como pode disseminar todo este conhecimento.

biblioteca, o que inclui financiamento, gestão de projetos e serviços sustentáveis. Tudo de maneira ética. O bibliotecário precisa ser capaz de avaliar o impacto da biblioteca em sua comunidade e comunicar este impacto. Especificamente, como a biblioteca pode colaborar com as necessidades e aspirações da comunidade?

Estas competências são se enquadram num conjunto de quebras de paradigmas, como temos percebido em alguns discursos. Um dos conjuntos de competências inserido no currículo de Salzburg que é algo novo: bibliotecários devem ter habilidades para a transformação e engajamento social.

A comunidade deve ser um lugar melhor por ter uma biblioteca. Os bibliotecários e a biblioteca devem adicionar novos valores à comunidade, o que se expressará em uma melhoria. Deve ser capaz de guiar a sua comunidade numa linha contínua de desenvolvimento. Para que isso aconteça precisamos começar a utilizar menos o termo “mediador” e mais o “participante”, o bibliotecário precisa estar junto, trabalhando com todos, sendo um personagem ativo.

Como os bibliotecários agem ativamente, e alguns proativamente, para engajar em prol da mudança? Eles devem ser capazes de identificar o que a sua comunidade necessita. Eles devem ser capazes de ajudar a comunidade para que compreenda que todas estas necessidades podem se encaixar num projeto maior, como no desenvolvimento econômico. Devem ser capazes de facilitar o ativismo, saber negociar e gerenciar conflitos. Devem ajudar a comunidade a entender como estas iniciativas podem se sustentar ao longo do tempo.

Os facilitadores

Os bibliotecários têm habilidades em torno da tecnologia, gestão de ativos, questões culturais e engajamento para a transformação social. Eles usam estas habilidades em torno de uma missão: melhorar a sociedade facilitando a criação de conhecimento em sua comunidade. No entanto, há uma coisa engraçada em torno desta missão. Eu a criei em um capítulo de um livro escrito para bibliotecários chamado: Atlas of New Librarianship. E aí acabei ouvindo de editores, jornalistas, educadores e até de servidores públicos que esta missão que escrevi era a deles. E é verdade, todos estão certos.

Cada vez mais, profissionais da informação estão se dedicando em seus trabalhos para uma sociedade conectada onde a informação cada vez mais está prontamente disponível. Mais profissões estão buscando entender a importância das interações sociais e a complexidade de uma comunidade. Por conta disso, muitas profissões estão se aproximando cada vez mais, mas também em alguns casos pode ser desconcertante.

Alguns bibliotecários veem esta proximidade como uma ameaça. Querem se resguardar em sua

informação. É um grande problema quando você define a sua profissão pela função e ferramenta que utiliza ao invés da sua missão e impacto. Quando bibliotecários se definem da primeira forma novidades se tornam ameaças, ou pior, quando alguém faz algo semelhante torna-se concorrência. Assim, o Google torna-se uma ameaça porque não usa catalogação descritiva e alguns bibliotecários o rejeitam. Já a Amazon é uma concorrente porque fornece livros e o que é “pior”, sem emprestá-los.

Sou usuário do Google, Amazon, Facebook e Twitter. Há um grande valor nessas ferramentas, tanto para os bibliotecários, como para a comunidade. Todos eles podem ser melhor utilizados se for parceria com a biblioteca. É necessário que os bibliotecários mantenham seus olhos abertos para criação de parcerias. Um estereótipo de que ele é um profissional isolado, calado, precisa deixar de existir.

Em algumas comunidades, os jornais locais e as bibliotecas públicas estão se tornando aliadas. São criadas estratégias entre jornalistas e bibliotecários para que a comunidade contribua na construção de notícias.

O poder potencial de um grupo formado por diferentes profissionais pode alcançar conquistas incríveis e cheias de benefícios.

As bibliotecas poderiam criar equipes com estes jornais para realizar a cobertura de eventos e notícias locais. As escolas poderiam utilizar estes materiais em tempo real para discutir em sala de aula. Se uma escola pequena não pudesse pagar por um professor de um idioma, por exemplo, poderia ser feita uma rede de escolas que este professor viesse a atender e assim os custos seriam distribuídos. Até mesmo artistas locais poderiam usufruir disso, oferecendo seus serviços junto das bibliotecas, escolas e jornais.

Esta é exatamente a missão das bibliotecas. Criar equipes com missões em comum, de forma a construir um “tecido conjuntivo” que abrace toda a comunidade; ninguém poderia fazer melhor isso que uma biblioteca. Bibliotecas universitárias podem criar parcerias com empresas e editoras para a publicação das dissertações e teses, por exemplo. Bibliotecas escolares podem criar projetos conjuntos com professores, pais e alunos.

Acredite que o bibliotecário pode criar esta grande rede de relacionamentos, com diversos atores em torno de um bem comum.

A soma de um bibliotecário

Assim, o que seria um bibliotecário se não uma formação superior, um conjunto de habilidades e uma missão profissional? Eu diria que o bibliotecário é a atribuição destes três itens.

liberdade intelectual, segurança e honestidade. Ou seja, bibliotecários procuram servir, o valor do seu trabalho é mensurável a partir do impacto que dá nas outras pessoas. Valorizam muito a aprendizagem, de modo a facilitar que as pessoas aprendam. Valorizam o acesso aberto, para garantir que todas as classes tenham acesso ao conhecimento. Os bibliotecários valorizam a segurança e a liberdade num espaço rico e agradável. Tudo isso com honestidade, que também é valorizada.

Alguns destes valores eu já falei ao longo de alguns capítulos anteriores, exceto um: a humildade. Alguns de vocês poderão notar que eu não incluí “imparcial” na lista de valores, isso porque como bibliotecários não podemos ser imparciais. Como seres humanos, nós temos nossas próprias opiniões, visão de mundo, interpretações. A linguagem, sua etnia, o lugar onde você cresceu, sua educação, tudo isso influencia como você vê e interage com o mundo. Com tudo isso, é impossível ser imparcial, mas podemos ser honestos.

Veja as ciências. Eu sou um cientista da informação. Cientistas reconhecem que as pessoas possuem preconceitos e ainda conseguem mensurá-los. Como cientista, também sei que meus métodos podem ser falhos. Mesmo que minha pesquisa apresente dados que possam estar errados, eu posso afirmar isso na pesquisa. A ciência sabe a diferença entre o imparcial e o humilde. Bibliotecários também devem saber disso.

8. Plano de Ação: Acredite Mais

Há um ditado que diz que você não deve reunir as tropas sem uma ordem de marcha. Em outras palavras, é muito fácil de minha parte dizer que você deve acreditar mais, mas sem um plano de como fazer isso, o texto é meramente um texto. Você pode recordar que no início do livro, que as bibliotecas ruins constroem coleções, as boas bibliotecas constroem serviços e as melhores bibliotecas constroem comunidades. A partir disso, já podemos iniciar nosso plano de ação: o que fazer se você tem uma biblioteca ruim, boa ou excelente?

Plano de ação para as melhores bibliotecas

Alguns de vocês já tem bibliotecas e bibliotecários que superam as expectativas. Maravilhoso! Seu plano de ação então é muito simples: sustente-os. E isto não quer dizer financeiramente, mas sim ouvir suas opiniões, compartilhar seus sonhos, dar liberdade. É preciso espalhar que a sua biblioteca é incrível e que supera as expectativas que as pessoas têm.

Muitas pessoas acham que a era das bibliotecas já passou. Conversei com um membro do conselho que ama a sua biblioteca que disse que cada vez que menciona que fazia parte do conselho de uma biblioteca, alguém dizia “Ah, mas isso é tão ruim”. Isso acontece comigo o tempo todo (eis uma das razões de ter escrito este livro). Quando as pessoas me perguntam o que eu faço e digo que sou professor de Biblioteconomia, algumas dizem “Eu amo livros também” e outras, com menos tato, afirmam “Nós ainda precisamos de bibliotecas?”.

Acredito que muitos destes pontos de vista vêm da imagem que temos das bibliotecas do passado. Eli Neiburger disse uma vez a adolescentes que a biblioteca é uma detratora do capital social, que não era legal, divertida ou útil. Ela mudou isso junto da Biblioteca do Distrito de Ann Arbor começando um torneio de jogos dentro da biblioteca que foi coorganizado por adolescentes. Uma vez por mês a biblioteca é palco de competições como *Mario Kart* no Wii.

Mas Eli foi além disso. Ela queria que tivesse transmissão deste torneio para TV e internet. De repente, a biblioteca estava movimentada não só fisicamente, mas também em seu site, com várias visualizações de diferentes lugares dos Estados Unidos e até de outros países. Ela conseguiu levantar novas expectativas em cima do que a biblioteca pode vir a oferecer.

Aliás, por que jogos dentro da biblioteca? Porque os jogos também servem como ferramentas de ensino e aprendizagem, é possível até que crianças aprendam a ler a partir deles. Os adolescentes resolvem problemas e enigmas através de jogos, os estudantes universitários conseguem empregos trabalhando com eles. Até adultos utilizam os jogos para se manter mentalmente ativos. Diferentes comunidades utilizam os jogos como uma maneira de socialização.

Você deve acreditar que uma grande biblioteca procure maneiras inovadoras de engajar a aprendizagem. Uma grande biblioteca provoca conversações, reflexões.

Temos que lembrar que grandes bibliotecas necessitam de financiamento. Não podemos deixar que as bibliotecas percam em corte de pessoal e bibliotecários sejam substituídos por qualquer funcionário. Em meio à Grande Depressão, por exemplo, o orçamento da Biblioteca Pública de Nova York na verdade aumentou. Por quê? Porque a cidade viu grande valor na forma como a biblioteca estendeu a mão para a comunidade naquele tempo difícil, oferecendo educação, atualização profissional e trabalhos sociais.

Plano de ação para bibliotecas ruins

O que faz uma biblioteca ser ruim não é o seu acervo, elas podem ter acervos grandes ou pequenos. As melhores bibliotecas também podem ter grandes ou pequenos acervos. No entanto as bibliotecas ruins veem os materiais físicos como sendo unicamente coleção, já as melhores bibliotecas veem a própria comunidade como coleção.

As verdadeiras coleções estão em nossos pais, avós, professores e estudantes. Está na imaginação das crianças e também na experiência dos idosos, que no último século tiveram um aumento na expectativa de vida de 47 para 77 anos!

Nas escolas, a verdadeira coleção não está nas estantes, mas nos esforços dos alunos em aprender e na sabedoria e paciência dos professores em ensinar. A escola por si só é uma legítima e rica coleção.

Nas universidades, onde o foco é desenvolver novos conhecimentos e preparar grandes grupos de trabalho, a coleção abrange toda a instituição. Envolve os financiadores de pesquisas, os acadêmicos, os professores e os estudantes.

As bibliotecas ruins precisam investir menos numa coleção de livros e mais nas conexões da comunidade. Elas acreditam que seu principal intuito é criar um bom acervo para as futuras gerações, mas na verdade deveria valorizar as aspirações de sua comunidade. Bibliotecas ruins constroem conexões entre itens, grandes bibliotecas o fazem com pessoas.

Não é o prédio ou a construção em si que define se a biblioteca é ruim ou excelente. Há uma biblioteca fantástica dentro da Embaixada dos Estados Unidos em Roma que é somente um conjunto de mesas, mas é ali que se reúnem diplomatas da Itália e do mundo todo. Já estive em bibliotecas construídas em edifícios fantásticos, tidas como referências, templos de sabedoria, mas elas eram quase sempre vazias, a comunidade pouco a utilizava.

É importante percebermos que as pessoas adoram bibliotecas, mesmo que elas sejam ruins.

sempre melhor. Trabalhei numa grande biblioteca pública de um centro urbano que tinha, por aí mais de 20 mil programas. Incluía atividades de contação de histórias a crianças, atividades de leitura com atores famosos. Por que 20 mil? Será que 10 mil não teriam o mesmo impacto? Quantas pessoas se beneficiaram com eles? Estes trabalhos estiveram dentro da missão propo pela biblioteca?

Como um membro da comunidade você deve, como nas palavras de São Paulo: Examinai tudo retenha o que é bom. Não significa que você precisa assumir o que é ruim, mas sim testar aquilo que é bom e que funciona. Ficaríamos horrorizados, por exemplo, se um médico utilizasse sanguessugas quando tivéssemos uma infecção sanguínea para tratar. Ferramentas mudam, métodos mudam e a profissão, missão e valores precisam acompanhar estas mudanças. Excelentes bibliotecas acolhem as perguntas porque são uma chance de mostrar seu valor.

Eduque-se

Este livro é curto porque foi escrito a pessoas ocupadas. Todas as informações que aqui eu tentei exemplificar e apresentar ideias. Agora faça a sua parte. Encontre aquela biblioteca brilha e se inspire com ela. Não estou dizendo para copiar o que ela faz, mas sim usá-la como exemplo naqueles momentos difíceis em que faltam as ideias.

Jogue

Cada biblioteca é única e uma excelente biblioteca não pega simplesmente o serviço de outra e implanta na sua sem antes analisar suas características locais. É preciso sempre experimentar e novas ideias. Excelentes bibliotecas estão atentas ao que há de mais novo, por exemplo, na web vão atrás para garantir o acesso (nem que seja como um teste) e convidam a comunidade a participar.

A Biblioteca DOK em Delft, na Holanda, é uma das mais inovadoras bibliotecas do mundo. Lá os bibliotecários utilizam frequentemente o espaço para grandes exposições e até jardins zoológicos criados com tecnologias interativas. Fazem parcerias com grandes lojas de brinquedos para trazer os melhores e mais recentes para a comunidade.

A Biblioteca Universitária de Syracuse organizou um evento para reunir professores, bibliotecários e estudantes para demonstrar novas ferramentas de ensino. Não foi uma série de palestras e demonstrações com duração determinada, mas sim a formação de pequenos grupos que compartilhavam ideias e novos métodos e ferramentas. Excelentes bibliotecários não têm medo de demonstrar que estão aprendendo também, na verdade eles tem medo é de não aprender com alguém. Portanto, eis um ponto essencial: **excelentes bibliotecas vêm de excelentes bibliotecários.**

Grandes bibliotecários experimentam novos serviços e não tem medo de falhar. Há diferença em fracasso e erro. Um erro é quando você faz algo, erra e não consegue aprender nada com isso. Uma falha é quando você consegue extrair um aprendizado. Quando os bibliotecários não experimentam coisas novas por medo de errar ou porque tem medo de alguma outra coisa (da gestão, quem sabe), significa que eles não estão aprendendo nada.

Se para acontecer algo novo na sua biblioteca, seja um projeto grande ou pequeno, é necessária a formação de um comitê com um planejamento de 3 meses, então você está matando o processo de inovação.

Referência

Há um momento que todas estas experimentações devem se tornar serviços reais. Isso requer saber que impactos e resultados você quer alcançar com esta novidade e que estejam de acordo com o que a comunidade precisa. Será que um serviço precisa de um certo número de uso para justificar? É necessário ter pontos de referência realistas e autênticos, para que a comunidade entenda o seu objetivo e tenha a possibilidade de colaborar para o seu desenvolvimento.

Confie em sua experiência (e seja aberto)

Você não deveria se tornar um bibliotecário para reconhecer o valor de uma biblioteca.

Tenho visto muitos bibliotecários que são extremamente resistentes às mudanças. Certa vez, questionaram um destes bibliotecários sobre porque livros de receitas estavam no mesmo lugar que livros de negócios. A resposta que ele deu foi: “É porque na Classificação Decimal de Dewey eles estão no mesmo lugar”. Ok, correto. Mas por quê? Onde Dewey conseguiu encontrar semelhanças?

Caso encerrado, certo? Na verdade, não. Mesmo que os números de Dewey informem isso, você pode colocar os livros onde achar melhor. O próprio Dewey teria dito isso.

Os livros devem estar dispostos (na verdade, deveriam estar) conforme as necessidades da comunidade, conforme ela funciona. Se você recebe uma resposta de um bibliotecário que não tem muito sentido para você, questione novamente. Isso fará ambos mais inteligentes.

Nossos pontos de vista, mesmo para atividades técnicas, precisam ser flexíveis, você precisa ser aberto às opiniões e questionamentos dos outros. As comunidades são ricas e multifacetadas, aproveite isso.

Visite

É sempre muito bom conhecer outros bibliotecários. Quando for viajar, coloque em seu roteiro

com questionamentos voltados aos processos, projetos e tomadas de decisão, ao invés de que saber somente da arquitetura ou do acervo.

Está sem tempo ou grana para viajar? Lembre-se que existe o serviço de referência virtual que muitas bibliotecas oferecem. Através da web, você pode fazer perguntas, seja em tempo real ou e-mail. Antigamente isso era extremamente novo e bastante abordado nas conferências de Biblioteconomia, para que se desenvolvesse e ampliasse este serviço.

Em uma destas conferências, cheguei em uma bibliotecária e lhe perguntei o que ela oferece em seu serviço de referência virtual. Ela, muito timidamente, respondeu que sua biblioteca não oferece este serviço. Aí eu lhe pedi que descrevesse a sua biblioteca. “É uma biblioteca universitária que atende a mulheres. O tipo de local onde às 21h você já está pronto para dormir.”

Então eu disse a ela: “Você não oferece este serviço porque a sua comunidade não precisa”. O público desta biblioteca era diferente, tinha horários fixos e aproveitava ao máximo os locais em seus horários de funcionamento.

Você pode estar se perguntando porque devo estudar tanto para trabalhar com bibliotecas. Se você chegou a esta parte do livro, é muito provável que você esteja inclinado a fazer isso, mas por que deveria visitar outras bibliotecas? Porque como seres humanos somos muito ruins em descrever aquilo que queremos sem fazer referência a algo que já conhecemos. É assim que se constroi o conhecimento.

Isso ficou claro pra mim quando Cindy Granell, bibliotecária numa escola de ensino fundamental, comentou o que o seu conselho de educação conhecia a respeito das bibliotecas. A faixa etária média entre os conselheiros é de 40 a 59 anos. Vamos analisar com os de 40 anos de idade. Calculando rapidamente, você pode perceber que eles vieram a utilizar pela última vez uma biblioteca escolar por volta dos anos 1980, antes da web e antes que os computadores fossem acessíveis financeiramente às pessoas. Naquela época, a principal ferramenta das bibliotecas era o livro. Hoje, o papel da biblioteca escolar é também trabalhar com cyberbullying, em como encontrar informações confiáveis na web, como pesquisar em bases de dados, entre outras coisas. Se os membros do conselho nunca mais colocaram o pé nas bibliotecas, como poderiam saber disso?

Crie fóruns

Uma das coisas mais engraçadas (e por um lado, triste também) que vi em uma biblioteca foi quando estudantes protestaram quando a Universidade de Syracuse apresentou o plano de armazenamento e preservação de seu site. Os estudantes de graduação se reuniram no primeiro andar da biblioteca munidos de vários argumentos reunidos impressos em algumas páginas.... : que imprimiram poucas delas e não havia o suficiente para todos. O bibliotecário foi lá e mostrou

Mesmo o bibliotecário sendo contra o que estava sendo manifestado pelos estudantes, eles cumpriram com o seu papel profissional e colaboraram para que a necessidade daquela comunidade pudesse ser atendida.

Como você interage com a sua biblioteca? Há uma caixa de comentários? O que é feito com eles? Somente os bibliotecários os leem? Os bibliotecários trabalham somente com determinados públicos? Há reuniões abertas com a diretoria? A biblioteca possui conselhos consultivos? Fico espantando quando bibliotecários de bibliotecas públicas se questionam porque há tão poucos adolescentes indo à biblioteca sendo que nenhuma vez alguns deles participaram de algum conselho ou mesmo possuem um serviço prioritário a eles. A biblioteca possui um espaço aberto para conversar com os palestrantes logo após suas atividades? Quantas vezes você entrou na sala do bibliotecário diretor para conversar?

Peça na sua biblioteca para ver o “plano de conversa”. Eles provavelmente dirão que não conhecem, pois acabei de criar este termo. Mas não seria interessante ter um documento assim que contemplasse diversas oportunidades? Não estou falando de um plano de marketing. Você deve acreditar que os bibliotecários tenham um espaço aberto para conversação, troca de ideias e criação de conhecimento.

Um bom exemplo disso é de um diretor de biblioteca universitária que visitava cada centro da universidade no período em que o orçamento era planejado. Junto ele levava uma relação de todos os periódicos e bases de dados relacionados ao centro que deveriam ser mantidas ou não suas assinaturas. Desta forma, os centros se sentiram mais próximos da biblioteca com este ato de participação.

Compare isso com outra biblioteca em que fui consultor. Lá havia um grupo consultivo formado por docentes de diferentes centros. O sociólogo do grupo achava injusto tamanho investimento em ciências físicas, sendo que de sociais era tão baixo. O físico do grupo rapidamente respondeu e estava surpreso, pois achava que o contrário acontecia, que as ciências sociais tinham muito mais investimento. Esta biblioteca, ao não incluir a comunidade em suas tomadas de decisão, não só confrontou uns com os outros, como os fez se sentir menosprezados.

Mapeie a conversação

A maneira mais eficaz de ver a relação com a comunidade não é uma lista de serviços ou de acervos. Também não se consegue isso com estatísticas ou planos estratégicos. É nas conversas que conseguimos vislumbrar todas estas possibilidades.

A biblioteca deve trabalhar para que encontre pessoas interessadas em colaborar. Numa universidade podem ser os professores, estudantes ou a equipe administrativa. Na escola também

advocacia, dividimos por direito civil, criminal, trabalhista e por aí vai.

Após identificar os interessados, é necessário elencar os problemas, os desejos, enfim, conversar. Se a universidade estiver discutindo atualização curricular, a equipe da biblioteca além de preparar seu acervo quanto a isso, poderia realizar pesquisas sobre as tendências de mercado que um currículo acadêmico poderia atender, novas metodologias de ensino e criação de espaços participativos para discutir o tema periodicamente.

Lembre-se também que tudo que a biblioteca venha a oferecer, é importante que haja alguma ligação entre os produtos e serviços. Isso fará com que a sua comunidade circule mais entre o que é oferecido pela biblioteca, que tenha uma experiência de pesquisa, de estudo ou mesmo de entretenimento, muito maior.

Plano de ação para boas bibliotecas

E o que falar a respeito das bibliotecas que se encontram no meio termo entre ruim e excelente? As diferenças podem ser sutis entre uma boa biblioteca e uma excelente. Há muitas boas bibliotecas por aí. São dedicadas a fazer você feliz, a atender suas necessidades com um acervo atualizado. Seus sites são funcionais, bem organizados e belos. Possuem um marketing ativo e um grande banco de dados de sua comunidade. Todos acham que elas estão cumprindo com suas expectativas.

Se você quiser encontrar a diferença entre uma boa e uma excelente biblioteca, tente visitar uma livraria Borders ou uma videolocadora Blockbuster. Você não poderá. Elas não existem mais. Quando elas fecharam, os únicos sinais que você viu foram os de publicidade de liquidações e grandes descontos. Quais sinais você veria quando tentassem fechar uma excelente biblioteca? Sinais de protesto. Por quê? Porque a biblioteca é parte da comunidade.

Mas sejamos honestos. Algumas bibliotecas fecham com apenas um sussurro. Orçamentos de bibliotecas acadêmicas são reduzidos e algumas dentro de empresas são fechadas. Bibliotecas ruins são fechadas, mas as boas também. A diferença entre a boa e a excelente se resume a que a primeira serve a sua comunidade e a segunda a inspira.

Nunca limite suas expectativas sobre sua biblioteca. Acredite que ela possa ser uma grande infraestrutura de conhecimento, um centro de aprendizagem e inovação, que ela ao mesmo tempo que te inspira também possa te desafiar. **VOCÊ MERECE UMA EXCELENTE BIBLIOTECA!**
Vamos trabalhar juntos?